



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO  
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL – RELAÇÕES PÚBLICAS**

**LOISE BUCHMANN CARDOSO**

**ARMANDINHO: O MENINO DAS REDES E DOS MOVIMENTOS  
SOCIAIS.**

Santa Maria, RS

2014

**LOISE BUCHMANN CARDOSO**

**ARMANDINHO: O MENINO DAS REDES E DOS MOVIMENTOS  
SOCIAIS.**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)  
apresentado ao Curso de Comunicação  
Social – Relações Públicas, da  
Universidade Federal de Santa Maria,  
como requisito parcial para obtenção do  
grau de Bacharel em Comunicação Social  
– Relações Públicas.

Orientadora: Elisângela Carlosso Machado Mortari

Santa Maria, RS

2014

**LOISE BUCHMANN CARDOSO**

**ARMANDINHO: O MENINO DAS REDES E DOS MOVIMENTOS  
SOCIAIS.**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)  
apresentado ao Curso de Comunicação  
Social – Relações Públicas, da  
Universidade Federal de Santa Maria,  
como requisito parcial para obtenção do  
grau de Bacharel em Comunicação Social  
– Relações Públicas.

Banca Examinadora:

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Elisângela Carlosso Machado Mortari – Orientadora (UFSM)

---

Msc. Fabiano Maggioni (UFSM)

---

Msc. Jones Machado (UFSM)

Santa Maria, ..... de ..... de .....

## AGRADECIMENTOS

À Deus, pela força para seguir em frente mesmo nos momentos em que duvidei de minha fé;

Aos meus pais, pelo apoio incondicional e pela dedicação de toda vida. Vocês são a razão todo meu esforço;

À minha Vó Mosa, pelo zelo e preocupação que sempre dedicou por mim;

À minha pequena irmã Luane, que incansavelmente me ajudou da forma que podia. Tua gentileza e paciência comigo me mantiveram forte nesta caminhada;

Ao Pedro, por me dedicar o seu amor. Obrigada por entender minhas ausências e sempre me apoiar. Estendo o agradecimento aos teus familiares, pelo carinho, atenção e amor que sempre demonstraram;

Aos meus demais familiares, pelas ligações, preocupações, palavras de ânimo e motivação;

Às minhas amigas, minhas eternas amigas: Andrielle, Camila, Juliana K., Juliana M., Mariani, Mayara e Nisrin por serem minhas apoiadoras e pelo sempre grande amor;

Às minhas colegas, pelos momentos de risadas e também (por que não?) pelas crises coletivas, em que vi que não estava sozinha. Compartilhar 4 anos da minha vida com vocês foi muito especial;

Às minhas colegas que viraram grandes amigas: Turca e Julia, obrigada por formar o nosso tripé, a faculdade jamais seria a mesma sem vocês (talvez seria com menos reino). Obrigada pela amizade;

Aos mestres, pelos ensinamentos que hoje carrego e compartilho. Agradeço a dedicação e firmeza para orientar a 40ª Turma de Relações Públicas;

À minha querida orientadora, Elis, obrigada pelo amor que tens pela nossa profissão. Pela paciência nas orientações e por acreditar em nossos projetos. És uma inspiração;

Aos locais onde estagiei: Agência Experimental de Relações Públicas, Centro de Ciências Sociais e Humanas e Editora UFSM, pelas oportunidades e confiança em mim. Tenho boas lembranças de cada um desses espaços e de pessoas com quem trabalhei;

À ONG Infância-Ação, por me proporcionar a experiência do voluntariado e inúmeros bons momentos vividos. Agradeço aos amigos que fiz, em especial, a Diretoria de 2013, por sempre serem os amigos lindos que são;

Ao Colégio Coração de Maria, pela experiência profissional fora do âmbito da UFSM, por confiarem em meu trabalho e principalmente pela oportunidade de convivência com tantas pessoas amadas;

Por fim, à minha querida UFSM, por ser este local que tanto amo e por proporcionar que hoje me torne Bacharel em Relações Públicas.

## RESUMO

Os movimentos sociais marcaram o ano de 2013 no Brasil. A partir de insatisfações coletivas, os brasileiros ocuparam os espaços públicos, *online* e *off-line* para se organizarem e para fazerem suas reivindicações quanto à política. Neste trabalho abordara-se a presença do personagem de tirinhas “Armandinho” na rede social *online* Facebook durante este período de protestos. A revisão bibliográfica foi utilizada para embasamento teórico, desde o conceito de movimentos sociais até a construção de redes sociais no ambiente digital. A análise é realizada com o conteúdo produzido na página de Armandinho no Facebook durante o mês de junho de 2013. Além do conteúdo das tiras, analisam-se as interações produzidas na página. Na realização deste estudo, pode-se ressaltar a importância do conteúdo produzido nas redes sociais *online*, principalmente, em determinados contextos históricos decorrentes. Além disso, o quanto foram importantes certos discursos possuírem um representante, especialmente o personagem das tiras.

Palavras-chave:

Armandinho – funções da linguagem – movimentos sociais – redes sociais – tiras.

## **ABSTRACT**

Social movements marked the year of 2013 in Brazil. From collective dissatisfaction, the Brazilians occupied public spaces, online and offline to get organized and to make its claims regarding the policy. This work addressed the presence of comic character "Armandinho" in the online social network Facebook during this period of protests. The literature review was used for theoretical basis, since the concept of social movements until the construction of social networks in the digital environment. The analysis is performed with the contents produced in Armandinho on Facebook during the period June 2013. In addition to the content of the strips, it examines interactions produced on the page. On completion of this study, one can highlight the importance of content produced in online social networks, mainly in certain historical contexts arising. In addition, as were important certain speeches have a representative, especially the character of the Strip.

**Keywords:**

comic strips - social networks - social movements – Armandinho -language functions.

## SUMÁRIO

<b>CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....</b>	<b>9</b>
<b>RECORTE METODOLÓGICO .....</b>	<b>11</b>
<b>1. REDES E MOVIMENTOS SOCIAIS.....</b>	<b>13</b>
1.1 O CONTEXTO HISTÓRICO E O RECORTE MIDIÁTICO DOS MOVIMENTOS SOCIAIS EM JUNHO DE 2013.....	16
1.2 IDEOLOGIA E PODER NOS DISCURSOS DAS REDES SOCIAIS.....	22
1.3 ARMANDINHO .....	28
<b>2 ARMANDINHO E AS TIRAS: UM GÊNERO TEXTUAL.....</b>	<b>35</b>
2.1 CONTEXTUALIZAÇÕES DAS TIRAS E DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS .....	36
2.2 TIRAS COMO GÊNERO TEXTUAL .....	41
<b>2.2.1 Hipergêneros .....</b>	<b>46</b>
2.3 FUNÇÕES DE LINGUAGEM – ABORDAGEM DE JAKOBSON .....	49
<b>3 ARMANDINHO E OS INTERAGENTES.....</b>	<b>54</b>
3.1 INTERAÇÕES NO FACEBOOK.....	55
<b>3.1.2 Facebook.....</b>	<b>59</b>
3.2 ANÁLISE: FUNÇÕES DA LINGUAGEM NAS TIRAS E NA INTERATIVIDADE.....	60
<b>3.2.1 Funções da linguagem de Jakobson como categorias de análise: .....</b>	<b>63</b>
3.2.1.1 Função emotiva: .....	63
3.2.1.2 Função conativa: .....	78
3.2.1.3 Função poética: .....	85
3.2.1.4 Função metalinguística: .....	88
3.2.1.5 Função referencial: .....	89
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>96</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>98</b>
<b>APÊNDICE A: QUESTIONÁRIO APLICADO AOS CARTUNITAS.....</b>	<b>102</b>
<b>LISTA DE FIGURAS:.....</b>	<b>Erro! Indicador não definido.</b>



## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Desde 1992, no Impeachment do Presidente Fernando Collor de Melo, que o Brasil não contabilizava protestos com números tão consideráveis de participantes. No ano de 2013, os brasileiros vivenciaram um novo formato de participação em mobilizações sociais. Referente a essas mobilizações no Brasil, o diferencial destes movimentos que foram realizados no decorrer do mês de junho, foi a utilização da internet para sua formação e organização. A motivação dos brasileiros, para que se efetivassem as manifestações, foi através da insatisfação com a política brasileira e com a falta do suprimento de determinados direitos básicos para a sociedade. Neste mesmo período, a mídia estava preparada para cobrir o evento esportivo Copa das Confederações que estava sendo realizado no Brasil. Havia também a contagem regressiva para a Copa do Mundo que seria realizada dali há um ano no país.

O autor Manuel Castells (2013) descreve a atuação dos interagentes no espaço *online*, e conceitua a prática como ciberativismo. A partir deste ativismo *online*, as pautas do jornalismo impresso e televisivo no Brasil foram se modificando e aderindo ao conteúdo produzido pelos próprios ativistas. As redes sociais *online*, como o caso do Facebook, foram os principais meios utilizados na internet. O conteúdo produzido para essas redes, pelos participantes dos movimentos, ia desde o convite para as manifestações e formação do encontro dos participantes no espaço público *off-line*, como a cobertura do que acontecia nessas manifestações. Vídeos, depoimentos e opiniões, dos ativistas, geralmente iam contra com o que era compartilhado pelas mídias tradicionais. Com isso, alguns jornais tradicionais, como o caso da Folha de São Paulo, sentiram a necessidade de mudar o foco das notícias e também dar voz aos manifestantes e não somente culpá-los pela desordem nas ruas.

Assim como as manifestações mobilizaram a produção crítica da mídia, os indivíduos encontraram no Facebook um lugar para demonstrarem suas opiniões e intenções com a realização dos movimentos. Com isso, algumas páginas produziam conteúdo referente aos acontecimentos de junho e os usuários da rede social interagiam com estas publicações e também difundiam tais ideias. No caso desta monografia, estuda-se as publicações da página do personagem de tirinhas “Armandinho”. Durante o referido período, foram produzidas tiras em que o personagem abordava a temática, produzia opiniões e lançava no Facebook a

possibilidade dos interagentes publicizarem suas ideologias em relação aos movimentos.

O personagem das tiras pesquisadas é uma criança e conquistou considerável empatia nas redes sociais *online*. Os “curtidores” de sua página interagiram com o conteúdo, sobre os movimentos sociais, através do compartilhamento das tiras, dos comentários nas postagens ou simplesmente curtindo a publicação e demonstrando que aprovavam o conteúdo postado. A partir disso, desenvolveu-se este trabalho com o objetivo de detectar como os interagentes utilizavam o conteúdo dessas tiras aplicado ao panorama dos movimentos sociais no Brasil em 2013.

Antes de integrar a análise das tiras a estes interagentes, debate-se nesta monografia as tiras como um gênero textual. Este conceito desenvolve-se a partir das histórias em quadrinhos como um todo. Desta forma, as histórias em quadrinhos são consideradas um hipergênero que abrangem as tiras, os quadrinhos e as charges, para então abordar as características das tiras a ser considerada um gênero textual isolado. Com esta abordagem, chegou-se até as funções de linguagem propostas por Roman Jakobson (1973). A partir das funções: referencial, emotiva, metalinguística, conativa, prática e poética, categorizam-se as tiras de Armandinho.

Por fim, no último capítulo trabalha-se com as análises discursivas das tiras postadas no Facebook. As funções de linguagem dão título às categorias. Primeiramente, são feitas as análises semiológicas das tiras, através do traço e do texto mostrado nos balões de fala. Com isso, destacam-se algumas interações, feitas através de comentários e também as categoriza através das funções de linguagem apresentadas. O objetivo desta análise é mostrar o percurso gerativo de sentido entre o enunciado, criado pela página de Armandinho, aplicado a determinada função quais sentidos foram gerados e em que categorias das funções se encaixam.

## RECORTE METODOLÓGICO

Para a construção deste trabalho foram necessárias determinações quanto à metodologia de pesquisa. Com isso, optou-se por formular a monografia a partir de três métodos de pesquisa que fossem base e abrangessem as necessidades desta pesquisa. Quanto à pesquisa, a monografia se enquadra nos seguintes moldes: Pesquisa qualitativa, básica, explicativa e bibliográfica.

Entendemos por metodologia o caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade. Ou seja, a metodologia inclui simultaneamente a teoria da abordagem (o método), os instrumentos de operacionalização do conhecimento (as técnicas) e a criatividade do pesquisador (sua experiência, sua capacidade pessoal e sua sensibilidade). (MINAYO, 2010, p.14)

Portanto, os métodos determinados a serem utilizados são o de revisão bibliográfica, para embasar os conceitos no decorrer dos três capítulos; de entrevistas semiestruturada, utilizado para acrescentar conhecimento de profissionais da área ao conteúdo explanado; e utilização da semiologia dos discursos sociais, através do conceito de gêneros textuais e da visão funcionalista de Jakobson para análise dos dados coletados diretamente na rede social Facebook, através da página oficial das tiras de Armandinho<sup>1</sup>. A monografia está baseada nesta metodologia para que se respondam como aconteceram as interações no Facebook pelos usuários que utilizaram o conteúdo das tiras de Armandinho. Optou-se pelo recorte do mês de junho de 2013, durante as manifestações sociais ocorridas nas vias públicas (*online* e *off-line*) do Brasil.

A utilização da revisão bibliográfica será o primeiro passo do trabalho. A organização da bibliografia será essencial para sustentar a pesquisa proposta, pois a partir desta primeira fase de exploração do campo será possível embasar a monografia. Gil (2008, p.50), afirma que “a principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente.”.

Com esta revisão, primeiramente, o objetivo é embasar os conceitos de movimentos sociais, principalmente, aliados ao uso das redes sociais digitais. Para esta abordagem, utiliza-se a visão de Manuel Castells (2013), que é responsável

---

<sup>1</sup> Endereço de acesso à página do Armandinho no *facebook*: <https://www.facebook.com/tirasarmandinho>

pela conceituação de redes e também apresenta uma análise dos movimentos sociais mundiais que tiveram como característica surgir ou se manter a partir do uso da internet por parte dos manifestantes. Além disso, com esta revisão é possível fundamentar os conceitos de poder e ideologia para que sejam encaixados no contexto dos discursos das redes sociais. Estes são conceitos muito amplos e são abrigados por diversas áreas da pesquisa das ciências sociais e humanas. Neste caso, ocupar-se-á a visão dos autores Terry Eagleton (1997), Pierre Bourdieu (2005) e Teun van. A Dijk (2008)

Quanto ao contexto histórico-midiático dos movimentos sociais no Brasil em 2013, a pesquisa da revisão bibliográfica também é necessária. Além disso, têm-se como base as matérias jornalísticas produzidas no período de junho de 2013 e que estão disponíveis para acesso na internet. Como critério de seleção, serão considerados portais de abrangência e reconhecimento nacional, como o jornal impresso “Folha de São Paulo” e também portais jornalísticos que realizaram entrevistas com estudiosos da área, como o caso do filósofo francês Pierre Levy. O autor trabalha com o comportamento humano na ambiência digital/virtual.

No primeiro capítulo, será apresentado o objeto de pesquisa: O personagem Armandinho. Para esta apresentação do personagem, primeiramente, precisa-se resgatar no seu histórico o seu surgimento, seu criador e onde ele pode ser visto e encontrado. Para coleta dessas informações, foi realizada uma pesquisa nos meios de comunicação oficiais utilizados pelo autor das tiras: como blog<sup>2</sup> e Facebook<sup>3</sup>. Para completar as informações necessárias, realizou-se uma entrevista semiestruturada com o criador de Armandinho, o comunicador Alexandre Beck. Este modelo de entrevista apresenta um roteiro elaborado previamente, passível de mudanças durante o decorrer da entrevista. Além disso, outras características da entrevista semiestruturada, é que ela pode ser considerada menos rígida e formal que outros modelos fechados de entrevista.

é possível um planejamento da coleta de informações por meio da elaboração de um roteiro com perguntas que atinjam os objetivos pretendidos. O roteiro serviria, então, além de coletar as informações básicas, como um meio para o pesquisador se organizar para o processo de interação com o informante. (MANZINI, 2004, p.2)

---

<sup>2</sup> [www.tirasbeck.blogspot.com.br](http://www.tirasbeck.blogspot.com.br)

<sup>3</sup> [www.facebook.com/tirasarmandinho](http://www.facebook.com/tirasarmandinho)

Sendo assim, um questionário<sup>4</sup> foi construído com as questões que o autor Alexandre Beck pudesse sanar sobre a sua experiência na construção do personagem e sobre a aplicação dele na rede social online Facebook.<sup>5</sup> Além disso, visa-se a aplicação de um questionário com cartunistas e/ou pessoas com conhecimento a contribuir com a teorização da temática das histórias em quadrinhos.

Quanto à exploração, a partir da pesquisa bibliográfica, também será possível determinar a fase final deste trabalho: as análises. Para isto, serão acionados os conceitos da análise do discurso francesa (ADF), através de autores como Charaudeau e Maingueneau (2008) e a partir de categorias de análise fundamentadas na teoria funcional de Jakobson (1963). Os conteúdos a serem analisados foram gerados na página do Armandinho no período de junho de 2013. Na seleção deste conteúdo serão levadas em consideração as interações dos seguidores da página de Armandinho, a partir de comentários e compartilhamentos nas tiras publicadas com a temática dos movimentos sociais brasileiros. A partir da detecção e apuração dessas interações e da seleção das tiras para serem analisadas, foram criadas categorias para análise das marcas textuais presentes nas tiras produzidas por Alexandre Beck. As categorias se apresentam pelas funções: referencial, emotiva, poética, metalinguística, conativa e fática.

## 1. REDES E MOVIMENTOS SOCIAIS

Neste primeiro capítulo contextualizam-se as mobilizações sociais que aconteceram em junho de 2013, no Brasil, com o cenário contemporâneo das mídias

---

<sup>4</sup> O questionário completo encontra-se nos apêndices.

<sup>5</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=Kfq2GK5mKVE#t=1210> Entrevista realizada pela autora desta monografia com Alexandre Beck. O projeto aconteceu junto ao programa Universo da Leitura, da TV CAMPUS, a partir de um convite dos produtores.

digitais e a organização dos sujeitos sociais nas redes. A primeira reivindicação da população mobilizada, foi a redução das tarifas dos passes de ônibus, posteriormente, culminando em passagens livre para todos os usuários. A partir desse momento, capitais do Brasil e também as cidades do interior dos estados mobilizaram-se para fazer do espaço público um espaço de reivindicações. O período de realização dessas manifestações foi concomitante com a Copa das Confederações e um ano antes da Copa do Mundo FIFA realizada no Brasil. A imprensa, que estava organizada para cobrir a Copa das Confederações naquele período, teve de mudar o foco e dar visibilidade aos manifestos em massa da população brasileira. Após esse período de mobilizações, o autor Manuel Castells (2013) apresenta em sua recente obra um recorte histórico dos acontecimentos no Brasil.

Será ressaltada ainda, neste primeiro capítulo, uma das características mais marcantes desse movimento social: a internet. A população brasileira presenciou um marco na história do país, pois desde 1992, com o *Impeachment* do Presidente Fernando Collor de Melo, manifestações públicas não atingiam números tão representativos de participantes. Como apresenta o autor Manuel Castells (2013), a atitude de mobilizar-se através da internet não é nova, a primeira situação ocorreu em 2010 na Tunísia. A demanda dos ativistas era de que o ditador tunisiano, Zine Al-Abidine Bem, renunciasse:

A difusão em vídeo dos protestos e da violência policial pela internet foi acompanhada pela convocação à ação nas ruas e praças da cidade de todo o país, começando nas províncias centro-ocidentais e depois atingindo a própria Túnis. A conexão entre comunicação livre pelo Facebook, Youtube e Twitter e a ocupação do espaço urbano criou um híbrido espaço público de liberdade que se tornou uma das principais características da rebelião tunisiana, prenunciando os movimentos que surgiram em outros países. (CASTELLS, 2013, p.25)

Ações como as descritas por Castells (2013), onde a interação dos usuários acontece no espaço *online*, é chamado de ciberativismo.<sup>6</sup> As atitudes e interações de indivíduos ao se mobilizarem através da internet caracterizam-se pelo conceito

---

<sup>6</sup> Para Ugarte (2008), “o ciberativismo é o mesmo que uma estratégia elaborada por grupos que utilizam a internet para mudar a agenda pública, pautando o cotidiano com temas de interesse do movimento, alçando tais ideias aos meios de comunicação tradicional.” Este conceito será debatido no item 1.1.

de *ativismo no ciberespaço*<sup>7</sup> que, no Brasil, passou a pautar os meios de comunicação. Os protestos ativistas, como vistos acima, aconteceram com a construção feita coletivamente no espaço online. Os indivíduos, insatisfeitos com a situação política em que o Brasil estava, encontraram nas redes sociais *online* a oportunidade de unir seus anseios e manifestá-los, tanto, nestes espaços públicos *online*, quanto, nos espaços *offline*. Neste contexto, os indivíduos procuraram no ciberespaço um local para manifestar-se politicamente e praticarem o exercício da cidadania. Apresenta-se então, neste item, como que as ideologias dos indivíduos foram expressas através do ciberativismo. Além disso, como as mobilizações no ambiente das redes sociais *online* asseguraram o poder aos indivíduos que ali estavam se organizando para as manifestações.

No item 1.2, serão tratados os conceitos de ideologia e de poder para que sejam debatidos no contexto das redes sociais *online*. Essa abertura se faz necessária para que, posteriormente, se apresentem os interagentes e como esses brasileiros atuaram no Facebook durante o período dos movimentos sociais em 2013. A teorização foi através do cruzamento de ideias de autores como o filósofo Terry Eagleton, o sociólogo Pierre Bourdieu e o linguista Teun A van. Dijk. A ideologia e o poder são teorias que possuem variadas considerações e conceituações. Por isso, optou-se por delimitar em trabalhar com estes autores.

Além disso, o capítulo um é estruturado para a exposição e apresentação do objeto de pesquisa desta monografia, o personagem de tiras “Armandinho”. Como aconteceu a criação do personagem, como as tiras surgiram, o ingresso das publicações nas redes sociais, para então, atingir seu reconhecimento com os interagentes do Facebook. Os usuários da rede social Facebook estão neste espaço também como receptores. Caracterizam-se os indivíduos ali presentes com um perfil de interação entre quem produz e quem recebe informação nessa rede. Como será visto posteriormente, o conceito de redes, sua formação e o que são esses interagentes na internet serão aprofundados no terceiro capítulo dessa monografia.

---

<sup>7</sup> Segundo Santos e Okada(2003), “o ciberespaço é muito mais que um meio de comunicação ou mídia. Ele reúne, integra e redimensiona uma infinidade de mídias e interfaces. Podemos encontrar desde mídias como: jornal, revista, rádio, cinema, tv bem como uma pluralidade de interfaces que permitem comunicações síncronas e assíncronas a exemplo dos chats, listas e fórum de discussão, blogs dentre outros. Neste sentido o ciberespaço além de se estruturar como um ambiente virtual de aprendizagem universal que conecta redes sócio-técnicas do mundo inteiro, permite que grupos/sujeitos possam formar comunidades virtuais fundadas para fins bem específicos.”

## 1.1 O CONTEXTO HISTÓRICO E O RECORTE MIDIÁTICO DOS MOVIMENTOS SOCIAIS EM JUNHO DE 2013

O Brasil, em 2013, viveu um marco na sua história. Junho foi o mês em que os cidadãos brasileiros se uniram em grandes movimentos sociais e ocuparam as ruas do Brasil. Primeiro, foram as capitais brasileiras e posteriormente as cidades do interior dos estados fizeram parte da rede de protestos. A mobilização popular foi motivada pelo aumento da tarifa das passagens de ônibus. Integrantes do Movimento Passe Livre (MPL) iniciaram os protestos nos estados de São Paulo e do Rio de Janeiro. A reivindicação principal do grupo era pelo retorno da antiga tarifa e, em determinados casos, pela tarifa zero. Outras reivindicações e reclamações foram agregadas à redução das tarifas, como o combate à corrupção, a falta de atuação eficiente dos serviços públicos e má gestão dos recursos públicos.

Entretanto, os aumentos das tarifas de ônibus aconteceram concomitantes a realização da Copa das Confederações no Brasil. Sendo assim, as manifestações aconteceram no mesmo período do evento mundial. As atividades de mobilização social na internet motivaram os indivíduos a ocupar os espaços urbanos, pois seria o momento ideal para que tivessem a atenção da população e da mídia. Quem sentiu o reflexo das mobilizações foram as empresas jornalísticas. O foco dos noticiários estava na Copa das Confederações, mas não era essa a maior demanda informativa naquele momento. Precisou-se mudar o foco. Um caso no jornalismo televisivo brasileiro que pode ser ressaltado é o depoimento dado ao vivo pelo âncora do Jornal Nacional da Rede Globo. William Bonner, no dia 18 de junho de 2013, fala ao telespectador as justificativas do por que voltou à bancada do jornal.



Figura 1: William Bonner na bancada do jornal em 18 de junho de 2014.

Na ocasião, o jornalista Bonner usa um espaço entre as notícias para falar sobre esse retorno. Destaca-se o início da fala do jornalista: “Você viu que nos



últimos dias eu estive acompanhando a seleção brasileira na Copa das Confederações. Aliás, como foi planejado com quase dois anos de antecedência. Mas, à medida que as manifestações e protestos foram se espalhando, foram crescendo pelo Brasil, automaticamente elas foram ocupando cada vez mais o noticiário Jornal Nacional.”.<sup>8</sup>

O pesquisador Manuel Castells, em sua mais recente obra: “Redes de Indignação e esperança – Movimentos sociais na era da internet” dedica um posfácio para comentar os acontecimentos e a mobilização dos participantes nos movimentos sociais em junho de 2013 no Brasil. O sociólogo espanhol dedica seu trabalho neste livro para a pesquisa e a análise de movimentos sociais realizados em diversos países, como na Tunísia, Egito, Espanha, entre outros. O diferencial deste estudo de Castells, autor de grande referência na pesquisa de sociedades em rede, é a detecção das características em comum destes movimentos, seja pela ocupação dos espaços públicos, seja a falta de líderes nos movimentos, mas, principalmente pela importância das redes sociais na organização desses acontecimentos.

O período em que foram realizadas as manifestações aproximava-se de um evento ainda mais importante para a área esportiva: A Copa do Mundo FIFA de futebol. Esta, que seria realizada, em menos de um ano no Brasil. Por mais prestigiada e esperada que (ela) fosse para o país, a insatisfação dos cidadãos era grande com a falta de organização e má gestão dos recursos com o evento. Sendo assim, mais pautas foram agregadas aos protestos brasileiros de junho de 2013. Essa movimentação foi organizada de forma colaborativa por grupos de cidadãos que posteriormente conseguiram atingir mais participantes.<sup>9</sup> E ainda afirma-se que todo o movimento aconteceu sem precisar contar com o apoio de partidos políticos.

Aconteceu também no Brasil. Sem que ninguém esperasse. Sem líderes. Sem partidos nem sindicatos em sua organização. Sem apoio da mídia. Espontaneamente. Um grito de indignação contra o aumento do preço dos transportes que se difundiu pelas redes sociais e foi se transformando no projeto de esperança de uma vida melhor, por meio da ocupação das ruas

---

<sup>8</sup> Link de acesso ao Jornal Nacional exibido no dia 18 de junho de 2013: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/videos/t/edicoes/v/felipao-fala-sobre-protestos-que-ocorrem-em-diversas-cidades-brasileiras/2642228/>

<sup>9</sup> Dados eferentes ao número de participantes nas manifestações em diversas cidades brasileiras: Consultar em <http://g1.globo.com/brasil/protestos-2013/infografico/platb/> e <http://g1.globo.com/brasil/linha-tempo-manifestacoes-2013/platb/>

em manifestações que reuniram multidões em mais de 350 cidades. (CASTELLS, 2013, p.178)

Em tempos imediatista e de cada vez mais fácil disseminação de informações através da internet, as redes sociais *online* tornaram-se fortes aliadas desses movimentos no Brasil. Através desses espaços *online*, os indivíduos possuem mais um local para o debate dos assuntos de interesse e também uma oportunidade de integrar mais participantes a essas manifestações públicas.

Um dos efeitos mais relevantes do surgimento dessas redes sociais no espaço *online* é, justamente, aquele da difusão de informações. Esses processos de difusão de informações são geralmente emergentes nesses espaços, ativados por ações de cada nó na rede que vai repassar determinadas informações a suas conexões. (RECUERO, 2012, p.210).

A autora reforça justamente o papel das redes sociais online como um espaço de difusão de informações. Com isso, podemos afirmar que os participantes dos movimentos sociais no Brasil usufruíram deste espaço para consolidar e disseminar suas opiniões e assim encontrar novos participantes que também ocupassem os espaços públicos *off-line*, ou seja, para além da internet. Portanto, a internet, além de proporcionar essa possibilidade de disseminação de informações e de buscar por grupos de mesma afinidade de opinião, dá espaço para uma horizontalidade de poder entre os participantes.

[...] a multidão de usuários formada na Internet reinventou o poder da parceria seja gerando as teias de comunicação (*blogs*) capazes de quebrar a invisibilidade do usuário comum nos motores de pesquisa ao criar um circuito cooperativo entre eles; seja inventando os programas que restabelecem a horizontalidade dos parceiros repartindo recursos de banda e processamento para partilhar informações [...] (ANTOUN, 2004, p.13).

Então, para o autor, nas redes é possível que o usuário tenha o poder de sair da invisibilidade fazendo com que sua voz passe a ser ouvida. Com a força que o indivíduo ganhou nas redes, o acesso às informações tornou-se mais democrático e principalmente a produção de informação mais prática e autônoma. Assim, levando essa conjuntura em consideração, pode-se afirmar que as redes sociais foram grandes aliadas dos movimentos de protestos no Brasil. A possibilidade de produzir o conteúdo e multiplicá-lo entre os grupos gerou a participação mais ativa da população através da internet, independente do assunto. É o que afirma Manuel Castells (2013) de que as “novas vias de mudança social, mediante a capacidade

autônoma de comunicar-se e organizar-se, tem sido descobertas por uma nova geração de ativistas, para além do alcance dos métodos usuais de controle empresarial e político.”

As novas vias, descritas acima, utilizadas por ativistas e participantes dos protestos no Brasil não é uma atitude nova, mas é atual. Neste tempo de produção livre na internet, mobilizações sociais se fazem presentes neste meio. Ciberativismo é a forma como são utilizadas estas redes. O indivíduo usa do ambiente da internet para propagar suas ações políticas. Para o autor David Ugarte (2008, p.111), o ciberativismo é “o mesmo que uma estratégia elaborada por grupos que utilizam a internet para mudar a agenda pública, pautando o cotidiano com temas de interesse do movimento, alçando tais ideias aos meios de comunicação tradicional.”. Ainda para este autor, o ciberativismo é uma estratégia social que depende da mobilização coletiva e que há um trio de práticas que compõe esta estratégia: o discurso, as ferramentas e a visibilidade.

No primeiro capítulo do livro “Redes de Indignação e Esperança” (2013), que Castells chama de “Prelúdio à revolução: Onde tudo começou”, o autor faz um comentário geral sobre as diversas revoluções que traz em seu livro, apontando temas pertinentes para o debate proposto neste estudo. Ao levantar o panorama dessas manifestações, confidencia:

Em resumo, era a sensação de empoderamento. Ela nasceu do desprezo por seus governos e pela classe política, fossem eles ditatoriais ou, em sua visão, pseudodemocráticos. Foi estimulada pela indignação provocada pela cumplicidade percebida entre as elites financeira e política. Foi desencadeada pela sublevação emocional resultante de algum evento insuportável. E tornou-se possível pela superação do medo, mediante a proximidade construída nas redes do ciberespaço e nas comunidades do espaço urbano. (CASTELLS, 2013, p. 23).

Esse panorama também pode ser encaixado na realidade brasileira. Nas redes, os indivíduos se empoderaram do espaço para gerar os movimentos. Para a socióloga Gohn (2005), no contexto brasileiro, o conceito de empoderamento

[...] pode estar relacionado ao processo de mobilizações e práticas destinadas a promover e impulsionar grupos e comunidades - no sentido de seu crescimento, autonomia, melhora gradual e progressiva de suas vidas (material e como seres humanos dotados de uma visão crítica da realidade social); como poderá referir-se a ações destinadas a promover simplesmente a pura integração dos excluídos, carentes e mandatários de bens elementares à sobrevivência, serviços públicos, atenção pessoal etc. (GOHN, 2005, p.24)

Este conceito será aprofundado no segundo capítulo deste trabalho. Antecipa-se aqui este sentimento de empoderamento dos brasileiros com as suas mobilizações em grandes grupos, criando assim, o sentido de crescimento e autonomia que é citado pela socióloga Maria da Glória Gohn (2005).

Na internet, o desprezo e a insatisfação pelo contexto político estavam declarados. Porém, faltavam a união de opiniões, as ações concretas e as manifestações para que os cidadãos fossem ouvidos de fato. O evento insuportável para o brasileiro foi mais um aumento da tarifa das passagens de ônibus. Sendo então, o desencadeador de todo o movimento. Com isso, o ciberespaço foi o meio onde foi construído o ativismo e que posteriormente o protesto levou os indivíduos às ruas.

Quando os ciberativistas foram às ruas e ocuparam os espaços públicos não deixaram de afirmar de onde tudo aquilo tomou fôlego e força. Como pode ser visto na imagem 1, manifestantes levaram para as ruas faixas declarando “Somos a rede social”. Uma resposta às críticas feitas ao chamado “ativismo de sofá” pelas quais muitos ativistas foram atingidos. A reação negativa acontecia, pois algumas pessoas que também estavam no espaço *online* criticavam as manifestações de indignação somente na internet. Essas críticas tinham a tendência de enfraquecer os movimentos, ou mesmo eram críticas despreziosas de usuários que desconheciam o fato da movimentação estar sendo articulada online para organizar o movimento offline.



Figura 2: Manifestantes carregam nas ruas a faixa “Somos a Rede Social”. Imagem: Reprodução da internet,

Além de pautar os assuntos mais comentados nas redes sociais *online*, as manifestações pautaram grande parte da produção jornalística da mídia nacional e alcançando até mesmo a produção internacional. No início, foi evidente que o principal foco das reportagens vinculadas na imprensa brasileira foi as depredações e ações de vandalismo dos participantes das manifestações. Portanto, por parte da mídia ignorava-se a maioria dos manifestantes e suas reivindicações feitas de forma pacífica.

É possível observar essa passagem através das abordagens jornalísticas reproduzidas pelas capas do jornal Folha de São Paulo. São edições publicadas nos dias 12, 13 e 14 de junho consecutivamente. Em uma breve análise, as duas primeiras capas evidenciam que houve vandalismo e depredações nos manifestos públicos realizados na cidade de São Paulo.



Figuras 3 e 4: Capas do jornal “Folha da São Paulo”, respectivamente, dos dias 12 e 13 de junho de 2013.

Porém, no dia 14 trocou-se o foco das chamadas da capa. Em uma atitude de tentar desvalidar ou enfraquecer os movimentos, os jornais foram surpreendidos quando seus repórteres foram atingidos por balas de borrachas vindas dos policiais, o que demonstrava despreparo para tais acontecimentos. Após esses confrontos, entre manifestantes, imprensa e policiais evidenciou-se que em outros pontos do país o movimento tomou força. Capitais e cidades do interior também tomaram as ruas do país.



Figura 5: Capa do jornal “Folha da São Paulo”, dia 14 de junho de 2013.

A população brasileira, que não estava satisfeita com o rumo da política no país, resolveu discutir essas insatisfações nos espaços públicos: *online* e *offline*. A insatisfação popular deu lugar ao movimento e ao ativismo. E como em outros países, no Brasil a força veio aliada às tecnologias e principalmente à internet. Para Manuel Castells (2005) a

tecnologia não determina a sociedade: é a sociedade. A sociedade é que dá forma à tecnologia de acordo com as necessidades, valores e interesses das pessoas que utilizam as tecnologias. Além disso, as tecnologias de comunicação e informação são particularmente sensíveis aos efeitos dos usos sociais da própria tecnologia. (CASTELLS, 2005, p.16).

Então, é essa a sociedade que no Brasil presenciou e gerou esses movimentos sociais em junho de 2013. Os manifestantes deram forma a essa tecnologia, da internet, para satisfazer suas necessidades referentes às manifestações. No ambiente *online*, formaram-se as redes de ativismo popular e essas redes se encontraram para protestar nos espaços urbanos. Nos espaços de reivindicação, tanto *online* quanto urbano, houve a união e o atrito de muitas ideologias. Esses movimentos que ansiavam alcançar essas ideologias serão apresentados pelo viés das redes sociais no próximo capítulo.

## 1.2 IDEOLOGIA E PODER NOS DISCURSOS DAS REDES SOCIAIS

Os protestos ativistas, como vistos acima, aconteceram com a construção feita coletivamente no espaço online. Os indivíduos, insatisfeitos com a situação política em que o Brasil estava, encontraram nas redes sociais *online* a oportunidade de unir seus anseios e manifestá-los, tanto, nestes espaços públicos *online*, quanto, nos espaços *off-line*. Neste contexto, os indivíduos procuraram no ciberespaço um local para manifestar-se politicamente e praticarem o exercício da cidadania. Apresenta-se, neste item, como que as ideologias dos indivíduos foram expressas através do ciberativismo. Além disso, como as mobilizações no ambiente das redes sociais *online* asseguraram o poder aos indivíduos que ali estavam se organizando para as manifestações.

Primeiramente, precisa-se pensar o que é ideologia e como se pode descrever o poder. O conceito de ideologia é amplamente discutido nas diversas ramificações dos estudos sociais. Porém, não se chegou a uma definição única deste conceito. Desta forma, aplica-se o termo “ideologia” para diferentes situações. O autor Terry Eagleton (1997) demonstra em seu livro a existência dessas várias formas em que se aplica a terminologia ideologia. Desta forma, o autor afirma que “tentar comprimir essa riqueza de significado em uma única definição abrangente seria, portanto, inútil, se é que possível. A palavra ideologia é, por assim dizer, um texto, tecido com uma trama inteira de diferentes fios conceituais.” (EAGLETON, 1997, p.15). Na afirmação de Eagleton, fica clara a dificuldade em isolar o termo em uma única definição.

A contribuição do sociólogo Pierre Bourdieu (2005) é de que “Alguns valores e crenças socialmente partilhados constituem os elementos da ideologia dominante que, por estar difundida na sociedade, garantem a adesão das pessoas à ordem social.” (BOURDIEU, 2005, p.117). Ao associar valores e crenças que são compartilhados por indivíduos como características de uma ideologia, se compara essa definição ao que Eagleton (1997) afirma sobre um ideólogo: alguém que expõe ideias. Desta forma, esse compartilhamento de uma ideia pode torná-la ideológica a partir do momento que garante a participação das pessoas a esta ordem social proposta.

Ideologia originalmente significava o estudo científico das ideias humanas, mas não demorou para que o objeto ultrapassasse a abordagem, e a palavra rapidamente passou a referir-se aos próprios sistemas de ideias. Um ideólogo, então, significava não tanto alguém que analisava ideias, mas alguém que as expunha. (EAGLETON, 1997, p.65).

Já para os autores, Patrick Charaudeau e Dominique Maingueneau (2008), que são referências em análise do discurso francesa (AD), o conceito de ideologia é visto por este viés:

Na análise do discurso francesa dos anos 60-70, a ideologia é um conceito central. O filósofo marxista Althusser desenvolve então uma teoria das ideologias, segundo a qual a ideologia representa uma relação imaginária dos indivíduos com sua existência, que se concretiza materialmente em aparelhos e práticas. Segundo ele, ideologia está ligada ao inconsciente pelo viés interpelação dos indivíduos em Sujeitos. (CHARAUDEAU, MAINGUENEAU, 2008, p.267).

Unindo a visão apresentada pelos autores Charaudeau e Maingueneau (2008) a um dos tópicos apresentados por Eagleton (1997), destaca-se a seguinte contribuição, em que se posiciona a ideologia como uma questão mais de discurso do que de linguagem:

Não se pode decidir se um enunciado é ideológico ou não examinando-o isoladamente de seu contexto discursivo, assim como não se pode decidir, da mesma maneira, se um fragmento de escrita é uma obra literária. A ideologia tem mais a ver com questão de quem está falando o quê, com quem e com que finalidade do que com as propriedades linguísticas inerentes de um pronunciamento. (EAGLETON, 1997, p.22).

Desta forma, pensar a ideologia como algo que é compartilhado (de quem está falando o quê, com quem e com que finalidade), pode ir além da propagação de valores e crenças. Como apresenta Eagleton (1997), pode ser uma questão de poder de uma classe.

O termo ideologia, em outras palavras, parece fazer referência não somente a sistemas de crença, mas a questões de poder. Que tipo de referência, contudo? Talvez a resposta mais comum seja afirmar que ideologia tem a ver com legitimar o poder de uma classe ou grupo social dominante. (EAGLETON, 1997, p.18).

Assim como o termo ideologia, o conceito de poder também se apresenta de diversas visões nos estudos sociais. No contexto ideológico apresentado neste trabalho, o viés pode ser através do poder simbólico, pois ele se afirma como “esse poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que estão sujeitos ou mesmo que o exercem.” (BOURDIEU, 2005, p.7). Mesmo aos que estão sujeitos ou que exercem este poder simbólico, é válido



relacionar o poder com seu caráter de mobilização através das transformações da visão de mundo.

O poder simbólico como poder de constituir o dado pela enunciação, de fazer ver e fazer crer, de confirmar ou de transformar a visão de mundo e, deste modo, a acção sobre o mundo, portanto o mundo; poder quase mágico que permite obter o equivalente daquilo que é obtido pela força (física ou econômica), graças ao efeito específico de mobilização, só se exerce se for reconhecido, quer dizer, ignorado como arbitrário. (BOURDIEU, 2005, p.14)

Pelo caráter transformador e mobilizador que o poder simbólico exerce sobre os indivíduos, destaca-se que isso acontece através da influência apresentada por quem exerce o poder.

Esse poder simbólico não se limita à articulação em si, mas também inclui o modo de influência: eles podem determinar a agenda da discussão pública, influenciar a relevância dos tópicos, controlar a qualidade e o tipo de informação, especialmente quanto a quem deve ganhar destaque publicamente e de que forma. Eles são os fabricantes do conhecimento, dos padrões morais, das crenças, das atitudes, das normas, das ideologias e dos valores públicos. Portanto, seu poder simbólico é também uma forma de poder ideológico. (DIJK, 2008, p.45).

O autor relaciona que poder simbólico é também uma forma de poder ideológico. Através dos conceitos apresentados, afirma-se que ideologia e poder simbólico situam-se em linha tênue. Não se considera o poder através de uma ação única, pois ele consiste através da interação social (DIJK, 2008, p.43). Há a exposição de ideias e então a mobilização acontece através do reconhecimento do que é compartilhado e isso se propõe nas diversas formações sociais.

Poder social é uma característica da relação entre grupos, classes ou outras formações sociais, ou entre pessoas na qualidade de membros sociais. Apesar de podermos falar em formas pessoais de poder, esse poder individual é menos relevante para a nossa explicação sistemática do papel do poder no discurso enquanto interação social. (DIJK, 2008, p. 41)

Ainda referente à interação social, Dijk (2008, p.41) afirma ser fundamental a análise das relações de poder social manifestarem-se tipicamente, na interação. No contexto das redes sociais *online*, apresenta-se o formato de interação social que não necessita do compartilhamento do mesmo espaço físico. Como afirma Bourdieu (2005), “o desenvolvimento dos meios técnicos separa a interação social do local físico, de tal modo que as pessoas podem interagir uma com a outra mesmo que

não compartilhem uma situação espaço-temporal comum.” (BOURDIEU, 2005, p.27). Portanto, pode-se afirmar que as relações de poder social podem ocorrer nas interações nas redes sociais *online*, pois, não necessita de um mesmo espaço físico para essas relações interacionais ocorrerem.

Estudar a interação social compreende, deste modo, estudar a comunicação entre os atores. Estudar as relações entre suas trocas de mensagens e o sentido das mesmas, estudar como as trocas sociais dependem, essencialmente, das trocas comunicativas. (RECUERO, 2009, p. 31)

As trocas simbólicas estabelecidas nas interações sociais podem ser as componentes da prática do poder simbólico. No caso das manifestações sociais de 2013 que ocorreram no Brasil, houve as trocas simbólicas, a partir das ideologias compartilhadas entre os interagentes presentes nas redes sociais *online*. Como afirma Raquel Recuero (2009), “as conexões em uma rede social são constituídas dos laços sociais, que, por sua vez, são formados através da interação social entre os atores.” (RECUERO, 2009, p. 30). Essas conexões se formam, então, através da interação entre os indivíduos. As redes sociais se manifestam também na internet e desta forma há

[...] a possibilidade de expressão e sociabilização através das ferramentas de comunicação mediada pelo computador (CMC). Essas ferramentas proporcionaram, assim, que atores pudessem construir-se, interagir e comunicar com outros atores, deixando, na rede de computadores, rastros que permitem o reconhecimento dos padrões de suas conexões e a visualização de suas redes sociais através desses rastros. (RECUERO, 2009, p. 24)

Outro autor referência na questão de sociedade em rede é Manuel Castells. Assim como afirmou Recuero (2009), nas redes sociais na internet há o caráter de sociabilização e expressão, que Castells (2005) também o faz com a seguinte afirmação:

A sociedade em rede também se manifesta na transformação da sociabilidade. O que nós observamos, não é ao desaparecimento da interação face a face ou ao acréscimo do isolamento das pessoas em frente dos seus computadores. Sabemos, pelos estudos em diferentes sociedades, que a maior parte das vezes os utilizadores de Internet são mais sociáveis, têm mais amigos e contactos e são social e politicamente mais activos do que os não utilizadores. Além disso, quanto mais usam a Internet, mais se envolvem, simultaneamente, em interacções, face a face, em todos os domínios das suas vidas. (CASTELLS, 2005, p. 23)

Então, não se deve confundir que por não estarem no mesmo espaço físico os indivíduos não interajam. Como afirma Castells (2005), há pesquisas que comprovem que utilizadores de redes na internet apresentam caráter social e político mais ativos dos que não a utilizam.

Redes sociais complexas sempre existiram, mas os desenvolvimentos tecnológicos recentes permitiram sua emergência como uma forma dominante de organização social. Exatamente como uma rede de computadores conecta máquinas, uma rede social conecta pessoas, instituições e suporta redes sociais. (WELLMAN, 2002, p.2 *apud* RECUERO, 2009, p.93)

A rede social *online* que é pesquisada neste trabalho é o Facebook. A característica que destaca nesta análise das interações durante os movimentos sociais de 2013 é o caráter de rede social emergente.

As redes sociais do tipo emergente são aquelas expressas a partir das interações entre os atores sociais. São redes cujas conexões entre os nós emergem através das trocas sociais realizadas pela interação social e pela conversação através da mediação do computador. (RECUERO, 2009, p. 94)

Durante o período em questão, o Facebook foi utilizado como plataforma que permitiu que os indivíduos realizassem suas trocas simbólicas através de interações em rede. Os discursos e o compartilhamento de ideias acionavam as ideologias presentes nas manifestações e proporcionavam que os interagentes partilhassem do poder simbólico durante a construção da mobilização. Desta forma, os interagentes faziam parte das manifestações e se sentiam pertencentes àquela mobilização.

A interação social mútua forma redes sociais onde os laços são constituídos de um pertencimento relacional, que é emergente, caracterizado pelo “sentir-se parte” através das trocas comunicacionais. Além disso, nessas redes, há concentração de um maior número de interações entre os mesmos nós. (RECUERO, 2009, p.96)

As redes sociais na internet foram importantes para as manifestações brasileiras por permitirem a construção do movimento através da difusão de informações em larga escala. As interações proporcionadas pelas redes sociais *online* permitiam que as informações se propagassem e mais indivíduos fossem atingidos pelas trocas simbólicas ali realizadas.

Outro elemento que é característico das redes sociais na Internet é sua capacidade de difundir informações através das conexões existentes entre os atores. Essa capacidade alterou de forma significativa os fluxos de informação dentro da própria rede. O surgimento da Internet proporcionou que as pessoas pudessem difundir as informações de forma mais rápida e mais interativa. Tal mudança criou novos canais e, ao mesmo tempo, uma pluralidade de novas informações circulando nos grupos sociais. (RECUERO, 2009, p. 116)

Os indivíduos interagiram através das redes sociais *online* e difundiram as informações de relevância para a formação das manifestações realizadas no Brasil. Essa formação aconteceu com as construções ideológicas dos participantes e com os discursos que o poder simbólico apresentou e mobilizou os interagentes. Os interagentes da página de Armandinho encontraram em sua página uma forma de expressão sobre os movimentos sociais em 2013. O personagem de tiras em questão é apresentado no próximo item.

### 1.3 ARMANDINHO

O personagem de tirinhas, Armandinho, existe há mais de quatro anos. Surgiu em 2010 quando foi pedido ao jornalista e ilustrador, Alexandre Beck, que fizesse três tiras, para uma matéria de economia do jornal Diário Catarinense. O conteúdo era sobre pais e filhos conversando sobre economia, por isso seria pertinente a presença das tiras para ilustrar a matéria. Sem pretensão ou intenção de atingir o sucesso, Armandinho foi desenhado na necessidade de já estar neste jornal que seria distribuído no dia seguinte. Ainda sem nome fixo, inicialmente chamado de “Guto”, surgiram os primeiros traços do personagem que viria a ser o Armandinho.





Figuras 6, 7 e 8: Acima, as três tiras produzidas por Beck para a matéria de economia.

O agrônomo e jornalista, Alexandre Beck, responsável pela criação do personagem. Armandinho, uma criação que remete há uma criança e que atingiu mais de 600 mil seguidores na rede social Facebook. Com características que fazem os interagentes compará-lo com o norte-americano Calvin e com a argentina Mafalda, Armandinho é um personagem genuinamente brasileiro. As comparações acontecem por serem personagens infantis, que vivenciam em seus diálogos situações políticas e são demonstrados em suas tiras movimentações e pensamentos críticos por parte dos personagens. Porém, Beck garante em entrevistas<sup>10</sup> que sua inspiração nasceu a partir da atitude dos seus filhos e de amigos. As tiras carregam diversas críticas, a partir do olhar inocente e sincero da infância, fazendo com que muitas pessoas se identifiquem através de suas tiras.

Alexandre Beck conta em entrevista que seu interesse pela área rural e principalmente meio ambiente sempre estiveram presentes. Com isso, acabou optando por cursar a agronomia. Além disso, sempre houve uma aproximação do autor com os animais e isso reflete em algumas características do personagem Armandinho. Por exemplo, a escolha pelo companheiro constante de Armandinho ser um sapo.

No ano de 2000, Beck ocupou uma vaga de ilustrador no jornal “Diário Catarinense”. Para então, dois anos mais tarde, surgir uma vaga para criação de personagens e tiras. O processo de criação durava um dia inteiro, passando pelos esboços à mão, vetorização e coloração. Após quatro anos longe do jornal “Diário Catarinense”, Alexandre retorna ao trabalho. Um ano depois, surge Armandinho.

Uma tarde me ligaram do jornal pedindo três tirinhas para ilustrar uma matéria de economia sobre pais e filhos, que iria às bancas no dia seguinte. O prazo era de poucas horas e meus personagens não tinham o perfil adequado, mas eu havia acabado de retornar ao trabalho ao jornal... Resolvi aceitar. Li a reportagem, pensei em alguns roteiros e fui procurar matéria-prima. Usei o desenho de um menino que fiz para outro trabalho e

<sup>10</sup> Links das entrevistas de Alexandre Beck constam nas referências bibliográficas.

desenhei dois pares de pernas para representar seus pais. Essas tiras foram publicadas em 9 de outubro de 2009. Foi um material prazeroso de trabalhar e teve boa aceitação dos leitores. Continuei a desenhar a República, mas comecei a pensar em um futuro para o pequeno personagem criado no “susto”. (BECK, 2013)

Iniciado o reconhecimento do público com o personagem, ele precisava de um nome. A escolha foi a partir de um concurso promovido pelo jornal em que as tirinhas já eram publicadas. Para participar, os leitores mandavam sugestões juntamente com uma justificativa da escolha do nome. Assim, surgiu Armandinho, por “estar sempre armando algo”. Além do garoto principal, outros personagens fazem parte constante na “vida” das tiras, é o caso dos pais de Armandinho.



Figura 9: Postada na página de Armandinho dia 14 de junho de 2014.

Na imagem acima, através dos pais do personagem, temos o exemplo de que nenhum personagem adulto é desenhado de forma que apareça de corpo inteiro. Este detalhe expressa a visão da criança em relação ao mundo adulto. Em suas tiras o autor produz este efeito através do olhar da criança. Porém, os pais de Armandinho também não foram amplamente pensados. A necessidade da presença deles juntamente com a falta de tempo de criá-los por inteiro fez com que surgissem somente com as pernas dos personagens. Fica na imaginação do leitor como são os pais de Armandinho, que são identificados por sempre estarem com a mesma vestimenta, ou até mesmo quando Armandinho chama por “pai” ou “mãe”.

Além dos pais, outro personagem que desperta o carisma dos usuários do Facebook é o sapo que geralmente aparece junto ao Armandinho. Para Beck, o sapo não deve ter nome e nem deve ser considerado um animal de estimação que Armandinho possui, mas, que ele seja um companheiro e amigo que aparece de vez em quando em suas tiras. Abaixo, o sapo aparece juntamente com Armandinho e outros colegas e amigos. Observa-se que o sapo também reage com o cenário e acontecimentos da tira. Neste caso, através da expressão facial em relação ao que foi dito.



Figura 10: Postada na página de Armandinho dia 25 de maio de 2014.

Além do sapo, algumas crianças integram as tirinhas com suas participações. Uma delas é a “Fê”, melhor amiga de Armandinho. Beck comenta que a inspiração desta personagem veio da sua filha mais nova, Fernanda.



Figura 11: Postada na página de Armandinho dia 17 de junho de 2014.

Na imagem acima, conta-se com a presença da personagem Fê na tirinha. Diferentemente dos adultos, as crianças que aparecem com Armandinho apresentam todas as suas características físicas.

Desde 29 de novembro de 2012, a página “Armandinho” está ativa na rede social. Todo o alcance e sucesso que Beck colhe hoje com as tiras do Armandinho devem-se ao impulso e divulgação que essas receberam no Facebook.



Figura 12: Primeira tira postada na página de Armandinho dia 29 de novembro de 2012.

Até o fechamento deste trabalho, a primeira tira postada na página de Armandinho acumulou 1339 curtidas, 720 compartilhamentos e cerca de 120 comentários. Já é uma considerável circulação e aprovação do conteúdo considerando a média de interação de outras páginas com conteúdo semelhante.



Porém, atualmente, as tiras postadas atingem em média 10.000 curtidas, às vezes atingindo até 20.000. É um salto grande e é notável o reconhecimento e sucesso da página junto aos seguidores.

A primeira postagem na página oficial de Armandinho foi sem apresentações prévias, de quem escrevia ou de onde vinha, a página foi sendo construída somente com as tirinhas. A partir do reconhecimento dos seguidores da página, do compartilhamento das tiras publicadas é que o personagem chegou ao grande alcance que possui hoje. Chegando a ter interação com públicos da Europa, mas principalmente com países de língua portuguesa ou espanhola.

Inicialmente, quando a página foi criada, somente os amigos do autor acompanhavam seu trabalho. Como relatado por Beck, quando as tiras são publicadas somente em jornais são mais raros os retornos, aos escritores, com as opiniões dos leitores sobre o conteúdo. Sendo assim, segundo Beck, a ideia de migrar para a internet através das redes sociais e do blog foi justamente para mensurar o quanto o Armandinho agradava aos leitores. Porém, é válido ressaltar que o público leitor de jornal impresso é mais restrito em quantidade de pessoas e a faixa etária é diferente a atingida na página do Armandinho.<sup>11</sup>

Beck, que é catarinense, mudou-se para Santa Maria (Rio Grande do Sul) no mesmo período em que a página de Armandinho foi criada. Já no início do ano de 2013, a cidade passou por uma tragédia que abalou a todos em nível internacional. Na madrugada do dia 27 de janeiro, uma boate do centro da cidade incendiou. O ocorrido da Boate Kiss levou a vida de 242 jovens que estavam na festa. Sensibilizado com a situação que a cidade se encontrava, no mesmo dia, às 19h30min o autor postou na internet a visão do Armandinho sobre o dia que se passava.



Figura 13: Postada na página de Armandinho dia 27 de janeiro de 2013.

<sup>11</sup> Segundo a página de Armandinho no facebook, grupos com mais envolvimento: Na cidade de São Paulo e o grupo etário de 18 a 24 anos.



A imagem acima é a tira relacionada à tragédia da Boate Kiss. Esse trabalho, com todo o sentimento que carrega, foi o que impulsionou a página do Armandinho. Não somente a cidade de Santa Maria precisava desse reconhecimento. Porém, todo o país demonstrou de todas as formas, inclusive nas redes sociais, o quanto a dor também pertencia a eles. Com isso, esse momento doloroso e sensível, fez com que a tira do Armandinho demonstrasse o que muitas pessoas sentiram naquele dia, fazendo com que o personagem se tornasse mais visível nas redes.



Figura 14: Informações retiradas da imagem postada dia 27 de janeiro de 2013.

Este avanço de visibilidade pode ser confirmado ao comparar os números das tiras postadas na página no final de 2012 com a tira relativa à tragédia da Boate Kiss. Abaixo, a imagem mostra os dados da tira postada em 31 de dezembro de 2012. O alcance da tira postada menos de um mês antes da tragédia foi de 371 curtidas e 287 compartilhamentos. Demonstrando a média de participação dos seguidores da página.



Figura 15: Tira postada em 31 de dezembro no Facebook de Armandinho.

Com as informações das duas tiras nas imagens acima é visível o crescimento da participação dos seguidores, a partir do compartilhamento fazendo com que se divulguem as tiras. Além disso, meses depois do acontecimento, ainda havia pessoas comentando diretamente na mesma imagem.

Toda a notável aceitação e reconhecimento por parte do público seguidor no Facebook impulsionou para que Alexandre Beck estruturasse algumas edições de livros reunindo as tiras do Armandinho. O primeiro, “Armandinho Zero”, foi lançado em outubro 2013, na livraria Athena, localizada no centro de Santa Maria - RS. Já em fevereiro de 2014, foi lançado “Armandinho Um” e as edições “Armandinho Dois” e “Armandinho Três” foram lançadas juntas em junho 2014. Os demais lançamentos ocorreram em outras livrarias e feiras do livro de cidades de todo Brasil.



Figuras 16, 17, 18 e 19: Capa dos quatro livros publicados de Armandinho, por ordem de publicação.

Além dos livros acima citados, as tiras do Armandinho são encontradas coluna de Rosely Sayão na Folha de São Paulo. O conteúdo do caderno “Folhinha” é justamente sobre crianças para o público de para pais e professores. As tiras integram essa coluna fazendo relação com o conteúdo abordado nela.

Armandinho é esse personagem sincero que evidencia ter uma veia crítica e política nas suas aparições. Em suas tiras são expressas as opiniões do autor e das massas.

O material de análise, deste trabalho, é referente ao período das manifestações de junho de 2013 no Brasil. Recolhido o corpus composto por postagens no Facebook será analisado para verificar o quanto e de que forma os usuários que interagem com a sua página se viram representados pelo personagem.

## 2 ARMANDINHO E AS TIRAS: UM GÊNERO TEXTUAL

Neste capítulo explanam-se alguns conceitos relacionados à arte sequencial: as tiras, os cartuns e as histórias em quadrinhos. Primeiramente, resgatam-se contextualizações das tiras e o caráter político-ideológico que exercem. Apresentam-se como autores descrevem o gênero “tiras”, que na literatura se equivale e se compara com a descrição do que são as histórias em quadrinhos, os cartuns e as charges. Essas descrições e definições também serão apresentadas a partir dos olhares de autores e entendedores do assunto que residem no Rio Grande do Sul. A opinião destes foi captada através de entrevistas realizadas, pela autora, por e-mail. Ademais, nessa retomada histórica e contextual, serão apresentados neste capítulo momentos na história da arte sequencial, como as publicações em jornais, exemplos de personagens e autores que se destacaram mundialmente. A utilização do conteúdo presente nas tiras também é discutida neste capítulo. Como os leitores, utilizam este material e como acontece a representação social através do que é exposto pelos personagens.

Em um segundo momento deste capítulo, há a apresentação das tiras quanto um gênero textual. As histórias em quadrinhos são um grande título, que abrangem outros gêneros através das características. Desta forma, podem-se chamar as histórias em quadrinhos de um hipergênero, por abrigar características que definem

os gêneros textuais: tiras, cartum e quadrinhos. A partir disto, as tiras se sustentam como um gênero textual por si só.

## 2.1 CONTEXTUALIZAÇÕES DAS TIRAS E DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS

Para localizar o contexto das tiras, propõe-se nesse capítulo uma apresentação de situações e momentos marcantes no histórico dessa expressão artística. De forma a apresentar-se cronologicamente, são destacados autores e personagens que marcaram pela representatividade e também situações em que as tiras são utilizadas pelos leitores. Foram convidados alguns autores de tiras e autores de trabalhos com essa temática para apresentar a visão deles sobre o assunto. O critério de escolha dos interlocutores foi através da experiência de produção na área, como também, experiências acadêmicas neste assunto.

O autor Scott McCloud (1995), descreve o princípio das histórias em quadrinhos na escrita pré-histórica. Naquele momento, os indivíduos descreviam a rotina nas paredes das cavernas, Dessa forma, representavam cada atividade por momentos descritos continuamente. Nesse sentido, de continuidade e descrição de momentos, alguns autores equivalem essa época histórica ao princípio das histórias em quadrinhos. Ainda seguindo a visão de McCloud (1995),

A sofisticação da história com imagens atingiu seu apogeu nas mãos de William Hogarth. [...] As histórias de Hogarth foram mostradas pela primeira vez como uma série de pinturas e, mais tarde vendidas como portfólio de gravuras. As pinturas e gravuras eram para ser vistas lado a lado... em sequência. (McCLOUD, 1995, p. 16)

William Hogarth, citado acima, viveu e trabalhou em meados de 1700. O trabalho de Hogarth foi antes de qualquer princípio de concepção sobre as histórias em quadrinhos em si. Posteriormente, destaca-se a representação de outro artista, Rodolphe Töpffer:

De muitas maneiras, o pai dos quadrinhos modernos é Rodolphe Töpffer, cujas histórias com imagens satíricas, iniciadas em meados do século XIX, empregavam caricaturas e requadros - Além de apresentar a primeira combinação interdependente de palavras e figuras na Europa. (McCLOUD, 1995, p. 16)

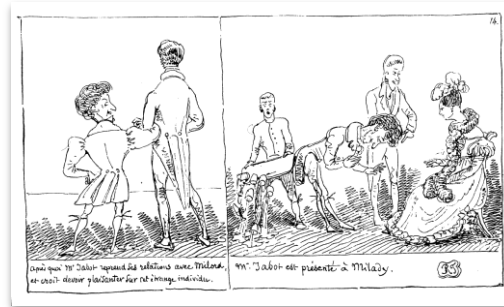


Figura 20: Trabalho de Rodolphe Töpffer

Um século depois das criações de Rodolphe Töpffer (PATO, 2007, p.28), para o jornal de Pulitzer e Hearst, Richard Felton Outcault criou as tiras do personagem Yellow Kid. Segundo Bibe-Luyten(1985, p.16-18 *apud.* Pato, 2007, p.29), “[...] os pesquisadores convencionaram tomar como marco inicial para uma das HQ o aparecimento, em 1894, de Yellow Kid, criação do norte-americano Richard F. Outcault para o New York World, jornal sensacionalista de propriedade de Joseph Pulitzer.”. O nome Yellow Kid surgiu a partir do público leitor, sem que o autor tivesse nomeado o personagem. Já no surgimento dos quadrinhos já se presenciava o caráter político a partir do uso da imagem do personagem em panfletagem (MOYA, 1993, p.18).

Avançando historicamente, chegando ao século XX, o autor Will Eisner é digno de destaque entre autores com contribuição relevante no contexto das histórias em quadrinhos. Reconhecido pela obra *The Spirit* (O espírito), criado pelo o autor no ano de 1940. Para o jornalista e pesquisador em quadrinhos, Moya (1993), *The spirit* é

uma das melhores criações das histórias em quadrinhos. Obra absolutamente genial. Está, para a comics, como Cidadão Kane para o cinema. Obra antológica. Tomadas, fusões, cortes, ângulos insólitos, uso de som e das sombras, em linguagem revolucionária visualmente. Apoiada em textos e situações que lembrar Maupassant, Tchecov e O. Henry. (MOYA, 1993, p. 142)

Duas décadas depois, no ano de 1964, foi criada uma personagem que até hoje é cultuada. Mafalda, de responsabilidade do autor Joaquín Salvador Lavado Tejón, reconhecido pelo nome de Quino, a personagem possui características que fazem com que os leitores de Armandinho o comparem com ela. Segundo o autor Álvaro de Moya (1993, p.182) “com um estilo gráfico simples, textos intelectuais de uma menina que se recusa a se integrar no mundo adulto. Preferindo a charge,

terminou a produção das tiras no auge de sua carreira.”. Entre as características de Mafalda, algumas são equivalentes ao personagem Armandinho, pelo fato de serem crianças críticas, questionadoras e que inserem suas falas e atitudes em contextos políticos sociais.

Em pouco tempo, **Mafalda** começou a falar, (...) mais tarde passou a formular perguntas, e finalmente a opinar contra todos os tipos de violência e injustiça, preocupada com o mundo, do Vietnã ao Oriente Médio, com o colégio, com os amigos, a família e os pais. (CAVALCANTI, 1977, p.50)



Figuras 21 e 22: Tira de Mafalda sobre democracia e Armandinho sobre eleições.

Nas tiras apresentadas acima, na situação de Mafalda, ela se depara com a descrição do que seria “democracia”. Logo abaixo, Armandinho relaciona uma situação do cotidiano a questões sociopolíticas, como o caso das eleições. A relação entre as duas são os personagens principais, crianças, e o assunto pautado ser de ordem política. O que entende-se é que geralmente são assuntos debatidos somente por adultos.

Os quadrinhos tomaram forma e firmaram suas características ao passar dos séculos. Com isso, outras criações, no ramo das histórias em quadrinhos, foram surgindo e se destacando por diversas características. Segundo o que afirma McCloud (2005, p.107) “foi esse o caso quando comecei a ler quadrinhos em meados dos anos 70; época em que alguns argumentistas do grande mercado começaram a abordar diversas questões sociais.”. Questões sociais e políticas são presentes como conteúdo de tiras produzidas ainda hoje, como o caso de Armandinho.

Para o interlocutor, entrevistado em 09 de setembro, Thiago K. que é professor do curso de Desenho Industrial da Universidade Federal de Santa Maria, foi importante destacar em sua entrevista a representatividade da obra *Maus*, de Art Spiegelman, criada na década de 80. A obra tem caráter autobiográfico e retrata o

período do Holocausto. Apesar de personagens considerados “não-reais”, como ratos e gatos com comportamento humano, o livro é baseado em histórias reais. McCloud (2005) descreve esta obra como

um memorial em quadrinhos das relações do autor com seu pai e das experiências de seu pai durante o Holocausto, elevou o padrão para quaisquer esforços subsequentes, tanto na seriedade de seu propósito como na sua determinação inflexível de sua execução. (MCCLLOUD, 2005, p.29)

A arte sequencial, tiras ou histórias em quadrinhos, existem então para certas finalidades. Já foi reconstruído neste capítulo o contexto histórico a partir do princípio dos quadrinhos. Foi apresentado em que momentos da história se destacam autores e produtores desta arte. Agora pensando a sua existência e sua conceituação, temos “a função fundamental da arte dos quadrinhos (tira ou revista), que é comunicar ideias e/ou histórias por meio de palavras e figuras, envolve o movimento de certas imagens (tais como pessoas e coisas) no espaço.” (EISNER, 2001, p.38). Neste formato de comunicar ideias e histórias, ainda segundo Eisner (2001, p.36), “em termos gerais, podemos dividir as aplicações da arte sequencial segundo duas funções gerais: instrução e entretenimento”. Quanto à instrução, o autor refere-se aos manuais em que se utilizam quadros em sequência para demonstrar como se deve proceder em relação a alguma situação. Por exemplo, instruções em viagens de avião que constam, para cada passageiro, instruções de como se portar em situação de perigo e ao mesmo tempo ilustram as situações através da arte sequencial. Quanto ao entretenimento, englobamos todas as tiras e histórias em quadrinhos que estão direcionadas ao público como forma de estabelecer uma relação com este. Como entretenimento, consideram-se diversos gêneros: cômico, dramático, autobiográfico, crítico e demais características comum de serem adotadas pelos quadrinhos.

Considerando para que servem e como podem ser utilizados, precisa-se também pensar em como estes quadrinhos estão dispostos para os leitores. O autor Eisner (2001, p.07), diz que “nos tempos modernos, a tira diária de jornal e, mais recentemente, a revista em quadrinhos constituem o principal veículo da Arte Sequencial”. Na atualidade são comuns e muito consagradas pelos leitores as revistas e também os livros que somente são de histórias contadas em quadrinhos.

Nos jornais, verifica-se a existência de uma seção em jornais para publicação de tiras de diversos autores com vieses distintos para cada autor.

É importante destacar que na arte sequencial, seja quadrinhos ou cartum, há diferença entre cada um deles. Quanto arte sequencial, os cartuns e os quadrinhos se relacionam, mas há uma diferença destacada por McCloud (1995, p.21) "... há uma grande relação entre quadrinhos e cartuns. Contudo, não são a mesma coisa. Um é uma abordagem de cinema – Um estilo, se você preferir – Enquanto o outro é um meio de comunicação que emprega essa abordagem.". O autor destaca que os cartuns, além de arte, podem ser definidos como meio de comunicação. Para o professor entrevistado, Thiago K, ao ser questionado sobre as definições que podem ser aplicadas para esses meios, respondeu sobre as histórias em quadrinhos como um todo:

Diversos autores propõem definições sobre o que de fato são histórias em quadrinhos. Alguns partem da perspectiva da cultura de massa, reflexo das origens dos quadrinhos nos jornais, outros preferem o ponto de vista das artes. McLuhan chamou os quadrinhos de "mídia fria", por usar ícones e símbolos diversos para conseguir a participação do receptor. Outras duas definições que gosto - por se tratarem de definições escritas por autores de grande importância tanto no estudo quanto na produção de quadrinhos - são as de Will Eisner e Scott McCloud. O primeiro diz que os quadrinhos são um veículo de expressão criativa que se utiliza de imagens e palavras para narrar uma história ou dramatizar uma ideia. McCloud é um pouco mais abrangente e pragmático, descrevendo as HQs como "imagens pictóricas e outras justapostas em sequência deliberada destinadas a transmitir informações e/ou produzir uma resposta no espectador". Pra mim, as HQs são uma mídia para se contar histórias, transmitir ideias ou mesmo de expressão puramente artística.

A produção dessas mídias, com o uso de traços e palavras, atraem os leitores e estabelecem uma relação com estes. Essa relação é de identificação com conteúdo e/ou personagem desses quadrinhos. McCloud (2005, p. 42) diz que "a identificação do espectador é uma especialidade do cartum, este tem penetrado com facilidade na cultura popular do mundo.". Neste sentido, a produção e os quadrinhos atingem maior reconhecimento e sucesso com o tempo, a partir de quando se estabelecem essas identificações por parte do leitor. O que facilita, atualmente, para o contato entre espectadores e quadrinhos são os meios onde são publicados.

McCloud (2005, p. 163) diz que "Um caminho da comunicação, para a promoção, para a difusão. Quando falo difusão digital, refiro-me a histórias em quadrinhos que circulam como informação pura entre produtor e leitor." A internet possibilita que os autores possam realizar esse caminho da comunicação, que o



autor McCloud cita. Na rede, promovem-se e difundi-se com mais facilidade esses materiais. Torna-se mais fácil para os leitores terem acesso aos quadrinhos ao resgatar e encontrar canais na internet que disponibilizem esses conteúdos.

Posteriormente, trataremos das tiras e das histórias em quadrinhos quanto gênero textual. O caráter que estas apresentam ao leitor por se utilizarem mais de um dispositivo de comunicação. Os quadrinhos estabelecem suas relações com os sujeitos leitores através de uma linguagem diferente de outros meios. Diferentemente do cinema, a história em quadrinhos permite que o leitor usufrua da imaginação para construir a história que está lendo. Porém, ao mesmo tempo, disponibiliza recursos de imagens ao leitor para que este construa sua leitura de forma mais aproximada ao que autor desta arte sequencial quis dizer no momento em que concebeu tal quadrinho.

A história em quadrinhos lida com dois importantes dispositivos de comunicação, palavras e imagens. Decerto trata-se de uma separação arbitrária. Mas parece válida, já que no moderno mundo da comunicação esses dispositivos são tratados separadamente. Na verdade, eles derivam de uma mesma origem, e no emprego habilidoso de palavras e imagens encontra-se o potencial expressivo do veículo. (EISNER, 2001, p.13)

A união destes dois dispositivos, as palavras e as imagens, permitem ao autor atingir o potencial comunicativo dos quadrinhos. A arte sequencial possui esse diferencial e faz com que se estabeleçam relações entre os quadrinhos e os leitores. Através do resgate histórico e contextual das tiras e dos quadrinhos, pode-se perceber a evolução destas relações e como, com o tempo, elas se tornaram mais próximas. Historicamente, a arte sequencial foi agregando seu valor perante aos leitores e sendo publicada por mais meios de comunicação, como revistas, jornais e na internet. Através destas diversas formas de publicações, os quadrinhos atingiram maior abrangência. Com isso, foram se popularizando através da história.

## 2.2 TIRAS COMO GÊNERO TEXTUAL

Após a apresentação do histórico das tiras e das histórias em quadrinhos e também dos conceitos que as permeiam, se dará seguimento a esta temática a partir de um novo viés. Propõe-se na continuidade deste capítulo, abordar as tiras, em específico, quanto gênero textual. Autores como Bakhtin (1992), Maigueneau

(2008) e Charaudeau (2008) serão utilizados para explicar e conceituar a temática a partir dos gêneros discursivos. Neste estudo, privilegiar-se-á os enunciados escritos e também imagens, apresentando as características das tiras como um todo, resgatando exemplos nas tiras do personagem Armandinho expostas na rede social Facebook.

Os autores Charaudeau e Maingueneau (2008, p.249), descrevem que a noção de gênero surge na antiguidade. E que também

volta-se a encontrá-la na tradição da crítica literária que assim classifica as produções escritas segundo certas características; no uso corrente, no qual ela é um meio para o indivíduo localizar-se no conjunto das produções textuais; finalmente, mas ainda submetida a debates, nas análises do discurso e análises textuais.

Leite (2013, p.7), descreve gêneros a partir da visão Bakhtiniana, com uma leitura mais atual de gênero, no início do século XX, dizendo que

um dos pioneiros em usar a terminologia gênero para designar as formas de construção de enunciados orais e escritos foi Bakhtin que os define como sendo produções estáveis delimitados por situações comunicativas. Assim sendo, os gêneros possuem características próprias que os tornam ímpares tanto na forma como no contexto comunicativo no qual será utilizado. Por possuírem características relativamente estáveis os gêneros podem ser considerados modelos, de modo que enunciados diferentes podem ser apontados como pertencentes a um mesmo gênero, desde que possuam semelhanças entre si tanto em conteúdos como em composição ou até no estilo.

Cada gênero apresenta sua situação estável, e por isso, são possíveis que se delimitem os gêneros conforme suas características. Dessa forma, a autora chama os gêneros de modelo. Por serem estáveis, possuem características entre si para que se possa distingui-los e separá-los por categorias. Maingueneau (2008, p.59), explica que

todo texto pertence a uma categoria do discurso, a um *gênero de discurso*<sup>12</sup>. Os locutores dispõem de uma infinidade de termos para categorizar a imensa variedade dos textos produzidos em uma sociedade: “conversa”, “manual”, “jornal”, “tragédia”, “*reality show*”, “romance sentimental”, “descrição”, “polêmica”, “soneto”, “narrativa”, “máxima”, “semanário”, “panfleto”, “relatório de estágio”, “mito”, “cartão de boas festas” etc.[...] Tais categorias correspondem às necessidades da vida cotidiana e o analista do discurso não pode ignorá-las. Mas também não pode contentar-se com, elas se quiser definir critérios rigorosos.

---

<sup>12</sup> Grifo do autor.

Essas categorias fazem parte das práticas interativas na rotina de qualquer leitor. Com isso, há uma pluralidade de gêneros que podem ser partilhados nos atos de interação. Toda ação comunicativa em que se participa, seja recebendo ou partilhando informações, se faz a partir do processo de compartilhar algum gênero discursivo específico e adequado para aquele determinado momento. Segundo Bakhtin (1997, p. 302 *apud*. LEITE, 2013, p.7), “aprendemos a moldar nossa fala às formas do gênero e, ao ouvir a fala do outro, sabemos de imediato, bem nas primeiras palavras, pressentir-lhe o gênero”. É possível, para o indivíduo participante de um processo comunicativo, identificar qual gênero ele está sendo exposto. Essa identificação acontece de forma instantânea, por que ele reconhece o gênero e subjetiva por que ele resgata automaticamente esses gêneros em sua memória. Além disso, é possível e imediato para esse mesmo indivíduo a escolha de gêneros que ele utilizará em situações comunicacionais em que ele está interagindo.

Quanto às tirinhas, por serem produzidas para um curto espaço se utilizam de elementos visuais e verbais na construção do enunciado. Como apresentado por Ramos (2007), não há espaço, nem tempo, para muitas explicações durante o decorrer das tirinhas. Com isso, a linguagem apresentada e o conteúdo abordado devem ser, também, de conhecimento do leitor das tiras. O escritor e o leitor devem compartilhar dos mesmos códigos verbais e visuais para que o entendimento na leitura ocorra.

Em suma: um dos elementos do gênero tira cômica é apresentar sequência textual narrativa. Pode tanto vir com todos os elementos da estrutura canônica da narrativa como utilizá-los parcialmente, exigindo do leitor o trabalho de inferência das informações textuais. (RAMOS, 2007, p.313)

Reforçando a conceituação do autor Paulo Ramos (2007), o gênero tirinhas faz com que se exija do leitor a troca dos mesmos códigos do escritor. Porém, antes mesmo de conceituar as tiras como um gênero, deve-se abrir para a explanação dos gêneros textuais como um todo. Um conceito que aborda diversas visões, diversas nomenclaturas, porém, pouca diferenciação nas abordagens.

O texto é a *manifestação material* (verbal e semiológica: oral/ gráfica, gestual, icônica etc.) da encenação de um ato de comunicação, numa situação dada, para servir ao Projeto de fala de um determinado locutor. Ora, como as finalidades para Situações de comunicação e dos Projetos de

fala são compiláveis, os Textos que lhes correspondem apresentam constantes que permitem classificá-los em *Gêneros textuais*. (CHARAUDEAU, 2010, p.77)

O autor Patrick Charaudeau (2010), conceitua gêneros a partir do conceito de texto. As constantes apresentadas nos textos são marcas recorrentes que fazem com que se classifique como gênero. Agrupam-se esses gêneros conforme essas marcas e suas características em comum. Porém, os gêneros são dependentes das atividades interacionais em estão sendo utilizados, podendo ser considerados modeláveis e mutáveis.

Como se vê, a constituição do gênero na atividade interacional não é algo fixo, é mutável e molda à situação discursiva. É um equilíbrio entre elementos recorrentes e difusos, que podem, inclusive, consolidar outro gênero. (RAMOS, 2007, p.103)

Existem diferentes pontos de vista quanto a classificação dos gêneros e estes são debatidos pelos autores Patrick Charaudeau e Dominique Maingueneau. A visão enunciativa do gênero de discurso, foi a partir de Benveniste (1966), uma oposição entre discurso e história (Charaudeau, Maingueneau, 2008, p.250). Porém, no ponto de vista enunciativo, “desenvolveram-se análises que tentam descrever os gêneros considerando as características formais dos textos e reunindo as marcas mais recorrentes.” (Charaudeau, Maingueneau 2008, p. 250). Biber, Beacco e Moirand também são autores que constituem essa visão enunciativa de gênero.

O ponto de vista comunicacional compõe-se de autores com diferentes orientações conceituais. Bakhtin (1984), Maingueneau e Cossuta (1995) e Charaudeau (2000) fazem parte das referências neste conceito e fazem propostas diferenciadas. Destacando Charaudeau (2000), “trata-se de determinar os gêneros no ponto de articulação entre as coerções situacionais determinadas pelo contrato global de comunicação, as coerções da organização discursiva e as características das formas textuais, localizáveis pela recorrência das marcas formais. (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU 2008, p. 251)

Do ponto de vista textual, que engloba a conceituação de gêneros textuais. A partir da visão textual, o autor que se destaca é Adam (1992), que elaborou a teoria das sequências a partir da grande generalidade de tipologias de texto que surgiram junto com as gramáticas de texto (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2008, p. 444). Então, o ponto de vista textual, é

mais voltado para a organização dos textos, que procura definir a regularidade composicional desses textos, propondo, por exemplo, como fez Adam, um nível intermediário entre a frase e o texto chamado sequencial que tem valor prototípico de narrativa, descrição, argumentação etc. (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU 2008, p. 250)

E por fim, do ponto de vista funcional, as classificações por funções a partir da linguagem, se definem em três décadas diferentes.

Há classificações baseadas no esquema da comunicação, propostas por Jakobson (1963): função *emotiva*, *conotativa*, *fática*, *poética*, *referencial* e *metalinguística*, ou, mas de maneira diferente, porque mais sociologizadas, as funções propostas por Halliday (1973): funções *instrumental*, *interacional*, *pessoal*, *heurística*, *imaginativa*, *ideacional*, *interpessoal* etc., ou por Brown e Yule (1983): funções *transacional* e *interacional*.(CHARAUDEAU, MAINGUENEAU, 2008, p. 250)

Segundo as autoras Arnt e Catto (2010, p.2), os autores “Jakobson e Halliday são atualmente considerados teóricos do funcionalismo justamente porque cada um, a seu tempo, entendeu que o sistema da língua não pode ser considerado fora do seu uso.” Com este ponto de vista funcionalista se estruturará a análise do discurso proposta no capítulo 3. Esta análise terá como objeto as tiras postadas na página de Armandinho no Facebook e os comentários gerados pelos seus interagentes. Portanto, a temática das funções das linguagens será aprofundada no próximo capítulo.

Para conceituar as tiras, abrangeu-se neste trabalho o termo “histórias em quadrinhos”. Este funciona como um grande título, que possui todas as características e desta forma engloba os outros gêneros, que são nomeados de cartum, tiras, charge e a caricatura. Esses gêneros se utilizam da mesma linguagem do hipergênero histórias quadrinhos para construir suas narrativas. A temática é explicada por Santos (2002, p.30) quando o autor afirma que “História em quadrinhos é um termo que congrega formas diferentes de apresentar as narrativas iconográficas sequenciais: a tira de jornal, a revista e o álbum de quadrinhos, e cada um desses formatos possui características próprias” (*apud*. RAMOS 2007 p.248). A diferenciação dessas formas narrativas se dá a partir de como são apresentadas. Cada uma em seu formato.

O bloco é apenas um dos exemplos que mostram como a questão do formato é relevante na discussão das tiras. O próprio nome, tiras, advém da

percepção do formato. O modelo (horizontal) foi o padrão adotado pelos jornais para adaptar a história ao tamanho da página do jornal. A tira ocuparia o espaço de algumas colunas da página. A padronização facilitava a venda das histórias. (RAMOS, 2007, p.274)

Com a multiplicidade de gêneros, a partir das histórias em quadrinhos, optou-se por trabalhar com o conceito e abrangência do gênero “tiras”, por estas serem o gênero apresentado, pelo autor Alexandre Beck, na construção dos quadrinhos do personagem Armandinho.

A tira possui uma limitação física de espaço. Por isso, a tendência é que os autores optem por uma simplificação dos elementos verbais e visuais. Isso traz reflexos na construção da narrativa, que tende a simplificar elementos da linguagem dos quadrinhos. Outro reflexo é no número de quadrinhos. A tendência é que não passem de quatro. [...] Como na tira tudo é simplificado, a inferência se torna outra característica importante do gênero. Não há espaço para muitas explicações, resumos e detalhes das situações representadas. (RAMOS, 2007. P. 315)

Como visto no trabalho de Ramos (2007), há diversas nomenclaturas para explicar os gêneros e as histórias em quadrinhos (e demais ramificações dos quadrinhos) dentro da conceituação de gênero. O autor explica que

Os gêneros (optamos por essa terminologia) são usados em situações comunicativas para intermediar o processo de interação. Estão em processo constante de tensão entre características que os tornam prototípicos (termo de Swales) ou tipificados (em Bazerman) e outras, que acrescentam a eles novos elementos. Por isso, a definição de Bakhtin ainda é a mais sintética e precisa: são tipos relativamente estáveis de enunciados. Há estabilidade, mas ela é relativa. São o que o autor russo chamou de forças centrípetas (de estabilidade) e centrífugas (de mudança). Esse equilíbrio gera o gênero, usado na situação interativa e manifestado no texto. (RAMOS 2007, p.119)

Reafirma-se a presença dos gêneros nos textos e que sua utilização será a partir de dada situação comunicacional e interativa. Os leitores ativam a utilização destes gêneros a partir dessas situações, desta forma, podem ocorrer essas mudanças ou a sua estabilidade.

### **2.2.1 Hipergêneros**

Além destas categorias de gêneros textuais, há a existência dos hipergêneros. Os hipergêneros são os que possuem característica suficiente para

formar gêneros a partir dele. Essas características são as formatações textuais que são compartilhadas para esses grupos de gêneros.

No caso dos rótulos que se referem a um tipo de organização textual, mencionamos em primeiro lugar aquilo a que demos o nome de hipergêneros. Trata-se de categorizações como .diálogo., .carta., .ensaio., diário. etc. que permitem .formatar. o texto. Não se trata, diferentemente do gênero do discurso, de um dispositivo de comunicação historicamente definido, mas um modo de organização com fracas coerções que encontramos nos mais diversos lugares e épocas e no âmbito do qual podem desenvolver-se as mais variadas encenações da fala. O diálogo, que no Ocidente tem estruturado uma multiplicidade de textos longos ao longo de uns 2.500 anos, é um bom exemplo de hipergênero. Basta fazer com que conversem ao menos dois locutores para se poder falar de .diálogo.. O fato de o diálogo - assim como a correspondência epistolar - ter sido usado de modo tão constante decorre do fato de que, por sua proximidade com o intercâmbio conversacional, ele permite formatar os mais diferentes conteúdos. (MAINGUENEAU, 2006, p. 244, *apud*. RAMOS 2007, p.116)

Maingueneau (2006) exemplifica os hipergêneros através do “diálogo”. Seria um exemplo com mais de 2.500 anos de existência. Além disso, afirma que esses hipergêneros são “categorizações”. Desta forma, visualiza-se melhor o significado do conceito.

O hipergênero daria as coordenadas de formatação textual de vários gêneros, que compartilhariam tais elementos. Uma carta teria uma estruturação própria (cabecalho, texto em primeira pessoa, cumprimentos finais, assinatura) e poderia ser usada em diferentes gêneros: carta pessoal, carta comercial, carta de admissão de emprego. (RAMOS, 2007, p.120)

Além de se pensar as tiras quanto um gênero textual, há de se pensar as histórias em quadrinhos quanto um hipergênero. Como dito anteriormente, as histórias em quadrinhos seriam um grande título que abrigam os demais tipos de quadrinhos porque possuem todas as características necessárias. Com isso, tiras, cartum, quadrinhos e charges seriam ramificações do grande grupo “histórias em quadrinhos”.

Seria um grande rótulo, que agregaria diferentes gêneros comuns. Charge, cartum, tiras cômicas, tiras cômicas seriadas, tiras de aventura e os diversos quadrinhos (cada um deles entendido, neste segundo momento, como gêneros individuais e autônomos) fariam, então, parte de um hipergênero histórias em quadrinhos. Vimos também que há uma tendência de constante questionamento das características dos quadrinhos, como bem ilustra o exemplo da figura. Em algumas situações, cremos que haja um ensaio de novo gênero, ainda em processo de formação. (RAMOS, 2007, p.288)

Então, no “grande rótulo” história em quadrinhos, encontramos o gênero tiras. As características que compõe este gênero faz com que seja parte do hipergênero apresentado. Com isto, devem-se aprofundar sobre os gêneros textuais antes de apresentar a definição de gênero textual para as tiras. Portanto, conceituando gênero discursivo, destaca-se a existência de diferentes posicionamentos e diferentes nomenclaturas a partir de determinadas visões teóricas. Esses posicionamentos se opõem uns aos outros ao definirem gênero do discurso.

Em semiótica, análise do discurso e análise textual, encontra-se de novo essa noção [de gênero] aplicada igualmente aos textos não literários. Mas aqui, coexistem, realmente opostas, diferentes definições que testemunham cada posicionamento teórico ao qual elas se filiam. Ainda que seja difícil classificar esses diferentes posicionamentos, distinguir-se-ão vários pontos de vista. (CHARAUDEAU, MAINGUENEAU, 2008, p. 250)

Portanto, este trabalho se propôs a demonstrar as tiras como um gênero textual que é abrangida pelo hipergênero história em quadrinhos. Esta temática foi afirmada pela autora Nepomuceno que concluiu

que as tiras constituem, sim, um gênero próprio, com tema variável, estrutura retangular vertical, que usa o jornal como suporte, que mescla signos verbal e visual e que tem como função social provocar o riso. Finalmente, podemos afirmar que o gênero tira corresponde a textos intersemióticos, geralmente narrativas lacunadas cuja interação verbal tem como propósito comunicacional o humor, por meio de enunciados irônicos, que permitem o desassujeitamento do enunciador. (NEPOMUCENO, 2005, p. 112 *apud*. RAMOS, 2007, p.307).

A abordagem da autora descreve como se constituem as tiras. Com isso, vai ao encontro das tiras de Armandinho e suas características. E ainda, apesar de apresentar o caráter sociopolítico, as tiras estabelecem uma relação com os leitores através da linguagem humorística e inesperada.

As tiras cômicas são um gênero que possui uma narrativa que leva a um desfecho humorístico. O final tem de ser algo inesperado, não previsto no curso narrativo, de modo a surpreender o leitor, o que leva ao humor. Elementos verbais, visuais e verbo-visuais são usados para a quebra de expectativa da história. (RAMOS, 2007. P. 315)

Após a explanação teórica do tema, percebe-se que na prática há uma diversidade de formatos ao se trabalhar com esta temática. A nomenclatura e os pontos de vista podem ser divergentes, mas entendem-se estas escolhas pelo viés



de cada um dos estudos. Conclui-se que a linguagem compartilhada pelas tiras faz com que se constitua um grupo, o de gênero textual.

Para dar continuidade a este trabalho, se retomará o ponto de vista funcional dos gêneros, proposto por Jakobson (1973). O autor considera a linguagem como instrumento de comunicação, servindo para transmitir informações, portanto, não se podem descrever suas partes constituintes “sem referir lhes as funções” (1974, p.92 *apud*. Arnt, Catto 2010, p.3). A partir das funções descritas e categorizadas pelo autor, se dará seguimento às análises desta monografia.

### 2.3 FUNÇÕES DE LINGUAGEM – ABORDAGEM DE JAKOBSON

No ponto de vista funcional dos gêneros textuais, o conceito será abordado neste trabalho através do autor Roman Jakobson. O autor desenvolveu um modelo de comunicação em que atribuiu funções em cada um dos processos. Celso Ferrarezi Júnior, em 1998, destacou que “Dos teóricos que influenciaram as ideias gerais sobre o processo de comunicação linguística e contribuíram na formulação de unir teoria da comunicação, sem dúvida alguma, o que mais influenciou a academia brasileira foi Roman Jakobson.” (JÚNIOR,1998, p.93). Por essa significativa representação de Jakobson para a temática, principalmente pela união da teoria da comunicação às teorias linguísticas, este será o autor base no trabalho de análise pelo viés funcional.

Jakobson propõe um sistema de comunicação que organiza e identifica os principais elementos envolvidos em um ato de comunicação e as funções que cada elemento realiza: o remetente – função emotiva, o destinatário – função conativa, o contexto – função referencial, a mensagem – função poética, o contato – função fática, e o código –função metalinguística. (ARNT, CATTO 2010, p.3).

Atualmente, o modelo de comunicação proposto por Jakobson (1974) não é mais utilizado por não estar atualizado para as situações de comunicação. Porém, as funções descritas através deste modelo são utilizadas para realização de análises de textos.

A função referencial a linguagem está orientada para o conteúdo, ou seja, para o que se fala. As funções emotiva, conativa e fática estão orientadas para o efeito. Na função emotiva, o locutor visa uma expressão direta da sua atitude em relação àquilo de que está falando (JAKOBSON, 1974, p.

123-124). Na função conativa, o locutor procura influenciar e persuadir o destinatário. Na função fática, a linguagem é utilizada para prolongar ou interromper a comunicação, testar a eficiência do canal ou chamar a atenção do interlocutor. As funções poética e metalinguística Para Jakobson, a linguagem desempenha predominantemente função poética quando focaliza a forma como a mensagem está organizada, no eixo da combinação, e quando focaliza as escolhas lexicais, no eixo da seleção.

A função emotiva pode ser descrita como utilização de ênfase naquele que fala, no caso, o remetente. A opinião e atitudes deste remetente são reveladas. Esta função pode ser detectada através do uso de exclamações, interjeições e da primeira pessoa do singular.

*Função Emotiva / Expressiva / Intencional* – Centrada no emissor da mensagem e ela será manifestamente “subjetiva”. Comunicação que atende a sentimentos, estados de ânimo e opiniões do emissor (produtor do que deve ser comunicado), que transmite de modo subjetivo. (ROMANOVSKY, 2009, p.366)

Exemplo 1:

Oh? como és linda, mulher que passas

Que me sacias e suplicas

Dentro das noites, dentro dos dias?

No poema de Vinícius de Moraes percebe-se o uso da emoção através das palavras e do tom estado emocional explicitado.

Referencial é a função em que o contexto é o mais importante, sendo orientada pelo referente. Nesta função utiliza-se a linguagem em 3ª pessoa. Desta forma, quem fala, expressa informações exteriores a si.

*Função Referencial ou Representativa* – denotativa ou cognitiva que concentra o conteúdo da mensagem naquilo sobre o que se está falando. A comunicação centra-se no referente, que pode ser real ou imaginário. O “porte” da informação para além da referência estética. O local/ a temporalidade / a dimensão e com o que a mensagem converge, ou seja, o contexto. (ROMANOVSKY, 2009, p. 366)

Exemplo 2:



Figura 23: Imagem Facebook Jornal Diário de Santa Maria.

Na postagem do jornal Diário de Santa Maria consta: “O Inep informou endereços errados nos cartões de inscrição de alguns candidatos do Enem que farão as provas na UFSM.”. O conteúdo jornalístico por si só tem função referencial por ser de caráter informativo, como visto no exemplo acima.

A função conativa é a que recebe o destinatário. Esta função é utilizada de forma a influenciar o receptor. Pode ser identificada através dos imperativos e vocativos.

*Função Conotativa/ Apelativa* (do latim “conatio”, que significa esforço, tentativa) – Serve para manifestar a implicação do destinatário no discurso e a manifesta pela interrogação, entre outras formas. Orientação para o destinatário da mensagem que busca por uma resposta do receptor (quem recebe a comunicação). Espécie de convocação para que se dê um parecer acerca da mensagem. Persuasão provocada por esta. (ROMANOVSKY, 2009, p.367)

Exemplo 3:



Figura 24: Publicidade chocolates Baton.

A função conativa é muito utilizada em publicidades, como o caso do exemplo 3. A linguagem, muitas vezes apelativa, tem por intenção persuadir/influenciar o leitor.

Na função fática as mensagens têm por objetivo causar algum ruído na comunicação, seja a prolongando ou a interrompendo. Desta forma, testa-se a

eficácia do canal e/ou chama-se a atenção do interlocutor. A função pode ser identificada nas saudações, nas interjeições, etc.

*Função Prática* – Modo de definição da interação social, o que se relaciona a criação da mensagem? Reflete as condições da comunicação na mensagem. A mensagem tem por objeto verificar se a comunicação se mantém. O contato entre o emissor e o receptor da mensagem. (ROMANOVSKY, 2009, p.367)

Exemplo 4:

É o caso do rito comunicacional quando se atende ao telefone: “Alô?”.

Esse recurso também é utilizado na música, como:

Alô, alô marciano

Aqui quem fala é da Terra.

(Rita Lee & Roberto de Carvalho)

A função metalinguística é a que considera mais importante o código. Esta função é utilizada para que a mensagem seja mais acessível ao receptor e certificar que os interlocutores utilizem o mesmo código. Nessa função identifica-se o uso de sinônimos, expressões como: ou seja, isto é, por exemplo e também parênteses e demais sinais gráficos.

*Função Metalingüística* - Exame do código empregado, a linguagem falando da linguagem, enquanto a poética trabalha sobre a própria mensagem, trabalhando seu lado palpável e perceptível. (ROMANOVSKY, 2009, p.367)

Exemplo 5:

Disse o poeta: O artista vai onde o povo está

Por isso cantamos, a qualquer hora, em qualquer lugar.

Nesta função é característico quando na linguagem fala da própria linguagem. Nos versos da música “Nascemos Para Cantar” de Chitãozinho e Xororó os cantores falam da própria ação de cantar.

Por fim, a função poética foca na mensagem. Desta forma, considera-se função poética quando há a preocupação em como a mensagem está organizada.

*Função Poética ou Estética* – Destaque para seis fatores envolvidos na comunicação verbal, exceto a própria mensagem: o pendor (*Einstellung*) para a mensagem como tal, o enfoque da mensagem por ela própria, eis a função poética da linguagem. (ROMANOVSKY, 2009, p.368)

Exemplo 6:

CÂNTICO VIII - Não Digas

Não digas: “O mundo é belo”

Quando foi que viste o mundo?

Não digas: “O amor é triste”.

Que é que tu conheces do amor?

Não digas: “A vida é rápida”.

Como foi que mediste a vida?

Não digas: “Eu sofro”.

Que é que dentro de ti és tu?

Que foi que te ensinaram

Que era sofrer?

(Cecília Meireles)

A função poética se tem como exemplos as linguagens e enunciados que tenham em vista produzir algum efeito estético, como é o caso do poema de Cecília Meireles.

No entanto, apesar de apresentar e descrever as funções separadamente é importante ressaltar que não necessariamente elas se encontram separadas em uma análise textual. Assim, em um mesmo enunciado analisado pode-se identificar a utilização de mais de uma função de linguagem. Como afirmou Jakobson (1960) que na mensagem se encontram “feixe de funções”.

Jakobson, em 1960, já destacava o fato de todos os fatores constitutivos das funções estarem “inalienavelmente envolvidos na comunicação verbal” (1974, p. 123). Portanto, apesar de afirmar que há uma “ordem hierárquica” entre as funções, isto é, uma função ser predominante sobre as outras, Jakobson reconhece a coocorrência delas ao afirmar que, normalmente, na mensagem, encontramos “um feixe de funções” (p. 19). (ARNT, CATTO 2010, p.11)

Todas essas funções da linguagem, propostas por Jakobson, serão o quesito para a criação das categorias de análise desta monografia. Como destacado acima, não necessariamente as funções se apresentam nas mensagens de forma isolada, pois elas podem estar juntas em um mesmo enunciado. No caso do objeto de análise aqui proposto, o gênero textual tiras, as funções são apresentadas tanto na linguagem dos diálogos (balões de fala) quanto nas narrativas que compõe a tira como um todo. Vejamos no capítulo três a proposição desta análise como também a verificação destas funções nos discursos dos interagentes da página de Armandinho no Facebook.

### **3 ARMANDINHO E OS INTERAGENTES**

A partir do que foi apresentado sobre gênero textual e as próprias funções é que se construirão as categorias de análise. Primeiramente, se apresentam o conceito de interagentes e a abrangência destes no Facebook. Este conceito se faz pertinente neste momento em que os comentários e demais participações na página de Armandinho serão contabilizadas como objetos de análise.

Interação pode ser explicada como um processo de trocas, em que, os participantes não somente recebem, mas também compartilham informações. Este conceito é explicado em diversos contextos. Porém, aqui aplica-se a interação sendo mediada por um computador. Neste caso, muda-se o caráter da interatividade, pois esta não necessita que os participantes estejam no mesmo ambiente físico e no mesmo espaço de tempo para que partilhem as informações. Os meios de comunicação que foram surgindo e modernizando, alteraram as formas como as pessoas interagem entre si. Com essas mudanças há possibilidade de novas formas de relações sociais e novas maneiras de relacionarem-se com as outras. Thompson (2008) assinala que

o desenvolvimento dos meios de comunicação cria *novas* formas de ação e de interação e *novos* tipos de relacionamentos sociais – formas que são bastante diferentes das que tinham prevalecido durante a maior parte da história humana. Ele faz surgir uma complexa reorganização de padrões de interação humana através do espaço e do tempo. Com o desenvolvimento dos meios de comunicação, a interação se dissocia do ambiente físico, de tal maneira que os indivíduos podem interagir uns com os outros ainda que não partilhem do mesmo ambiente espaço-temporal. O uso dos meios de

comunicação proporciona assim novas formas de interação que se estendem no espaço (e talvez também no tempo), e que oferecem um leque de características que as diferenciam das interações face a face (THOMPSON, 2008, p.77 *apud*. GARLET, 2013, p.36)

Os meios de comunicação que são interessantes para esta monografia são os referentes ao ambiente digital. Com o uso da internet os indivíduos tem a possibilidade de conectarem-se mesmo sem compartilharem o mesmo ambiente espaço-temporal. Desta forma, as redes sociais *online*, conceituadas no capítulo 1, são os meios de comunicação que possibilitam essa interação entre os indivíduos. A rede social *online* Facebook é o meio aqui analisado.

### 3.1 INTERAÇÕES NO FACEBOOK

O processo de trocas de informações, entre indivíduos que participam entre si, dá-se o nome de interação. Nesta troca, ambas as partes contribuem com informações. Enquanto os meios de comunicação eram mais restritos, entendia-se interação somente como um processo que acontecia no mesmo tempo e espaço em que os interagentes estavam compartilhando. Porém, com a modernização dos meios de comunicação, as interações passam a ser estudadas com a possibilidade de serem mediada por tecnologias como, por exemplo, o computador. Neste contexto de mediação, é possível que haja interações através da internet, mediada pelo computador.

A interação é estudada, no contexto de comunicação, desde a Escola de Chicago no início do século XX. Para a abordagem desta monografia, a teorização da temática requer que seja a mais atual e com envolvimento dos novos meios de comunicação que servem como mediadores desta interação. Iniciando a conceituação do tema, recorre-se à autora Raquel Recuero (2009). A pesquisadora, referência na abordagem das redes sociais na internet, afirma que a interação

implicaria sempre uma reciprocidade de satisfação entre os envolvidos e compreende também as intenções e atuações de cada um. Interações não são, portanto, descontadas dos atores sociais. São parte de suas percepções do universo que os rodeia, influenciadas por elas e pelas motivações particulares desses atores. (RECUERO, 2009, p.31)

Recuero fala em atores sociais, neste caso, são os “interagentes” participantes do processo de interação. A interação, independente da forma que

aconteça (com mediação ou não), envolve então essa reciprocidade entre os “atores sociais” participantes do processo. Porém, as interações também podem acontecer de formas diferenciadas, por isso são divididas em dois grupos: os de interação mútua e interação reativa (PRIMO, 2008).

Alex Primo é responsável pelo estudo e conceituação dos dois tipos de interação. Através de pesquisas sobre a interação mediada por computador, é que se faz essas divisões e diferenciações nas formas de interagir. O autor conceitua que a interação mútua como

aquela caracterizada por relações interdependentes e processos de negociação, em que cada interagente participa da construção inventiva e cooperada da relação, afetando-se mutuamente; já a interação reativa é limitada por relações determinísticas de estímulo e resposta. (PRIMO, 2008, p. 62).

Neste recorte, de forma sucinta, Primo explica as duas formas de interação. Reativa seria uma interação mais limitada, como ele explica, de estímulo resposta. Seria exemplo, o convite para ser amigo em uma página de rede social *online* (estímulo) e a pessoa convidada aceita (resposta). Porém, para o contexto de interação que aqui está proposto, para futura análise, a interação mútua é que supria as características.

Aprofundando o conceito de interação mútua, Primo (2008) explica por que da escolha da palavra “mútua” para a sua conceituação. O autor alerta não ser uma questão de pleonasma, ao elencar uma interação como mútua e explica esta escolha através da questão da reciprocidade entre interagentes:

A palavra “mútua” foi escolhida para salientar as modificações recíprocas dos interagentes durante o processo. Ao interagirem, um modifica o outro. Cada comportamento na interação é construído em virtude das ações anteriores. A construção do relacionamento, no entanto, não pode jamais ser prevista. Por conseguinte, a relação construída entre eles também influencia o comportamento de ambos. Dessa forma, justifica-se a escolha do termo “mútua”, visando salientar o enlace dos interagentes e o impacto que cada comportamento oferece ao interagente, ao outro e à relação. (PRIMO, 2008, p. 62).

Portanto, a interação mútua pode ser explicada através da reciprocidade entre os participantes do processo de interação. Além disso, a questão chave deste processo é que um, ao interagir com o outro, o modifica. Com isso, além de



exercerem modificação no comportamento do outro, há um “enlace” no relacionamento entre interagentes.

Raquel Recuero (2009) também tem grande aproximação aos conceitos de Primo. A autora exemplifica interação mútua, na internet, com a relação

de um interagente com um hiperlink na web. Ao agente é permitida, de um modo geral, apenas a decisão entre clicar ou não no link. Ele não pode redefinir a URL para onde este link aponta, tampouco pode escolher para onde deseja ir a partir daquele link. Trata-se de um “vetor unidirecional”, criado por alguém, que permite ao usuário unicamente ir ou não ao site para onde ele aponta. Já em outros sistemas, como nos comentários de um blog, por exemplo, é possível realizar um diálogo não apenas entre os comentaristas, mas também com o autor do blog. Trata-se de uma interação construída, negociada e criativa. É possível observar-se em um blog não apenas a interação em um comentário, mas as relações entre as várias interações e perceber-se que tipo de relação transpira através daquelas trocas. (RECUERO, 2009, p. 33)

Como visto, as interações mútuas na internet podem ocorrer por forma de comentários e construída com outros participantes ou até mesmo o gerenciador de um blog. A autora aprofunda o conceito com a questão de laços sociais. Com isso, faz um demonstrativo através do quadro explicativo. Como é interessante para este capítulo apenas questão do tipo de interação, apresenta-se apenas o tipo de interação com os exemplos criados pela autora:

<b>Tipo de interação</b>	<b>Exemplo</b>
Interação reativa	Decidir ser amigo de alguém no Orkut, trocar <i>links</i> com alguém no <i>Fotolog</i> , etc.
Interação mútua	Conversar com alguém através do MSN, trocar recados no Orkut, etc.

Quadro explicativo (modificado) proposto por Recuero (2009, p.40)

Observa-se que, a partir das conceituações e exemplificações da tipologia proposta por Primo, interação mútua é a que explica a interação mediada por computador, além de se apresentar de forma dialógica. Quanto a interação reativa, limita-se entre o agente e o sistema que media a relação comunicativa, seria o caso

do estímulo-resposta. Como exemplo, no quadro explicativo acima se apresenta o caso do link. (RECUERO, 2009, p. 33).

Outra autora que contribuiu para a construção de pensamento de Recuero (2009) foi Elizabeth Reid (1991). A autora trata interação social, no ciberespaço, de formas síncrona e assíncrona. A partir de um recorte de Recuero é possível o entendimento das duas formas de interação:

A interação social, no âmbito do ciberespaço, pode dar-se de forma síncrona ou assíncrona, segundo Reid (1991). Essa diferença remonta à diferença de construção temporal causada pela mediação, atuando na expectativa de resposta de uma mensagem. Uma comunicação síncrona é aquela que simula uma interação em tempo real. Deste modo, os agentes envolvidos têm uma expectativa de resposta imediata ou quase imediata, estão ambos presentes (on-line, através da mediação do computador) no mesmo momento temporal. É o caso, por exemplo, dos canais de chat, ou mesmo de conversas nos sistemas de mensagens. Já o e-mail, ou um fórum, por exemplo, têm características mais assíncronas, pois a expectativa de resposta não é imediata. Espera-se que o agente leve algum tempo para responder ao que foi escrito, não que ele o faça (embora possa fazer, claro), de modo imediato. Espera-se que o ator, por não estar presente no momento temporal da interação, possa respondê-la depois. (RECUERO, 2009, p.32)

Entende-se, então, que síncrona é quando a resposta à interação é imediata e assíncrona é quando a resposta pode ser imediata, quanto pode ocorrer em outro espaço de tempo diferente de quando a interação foi acionada.

As redes sociais na internet já foram apresentadas no capítulo 1. Porém, referentes as interações geradas neste espaço, também apresentam-se duas categorias: As redes sociais do tipo emergentes e as redes sociais por filiação. Recuero (2009), novamente através de Primo (2003), debate e apresenta os conceitos.

As redes sociais do tipo emergente são aquelas expressas a partir das interações entre os atores sociais. São redes cujas conexões entre os nós emergem através das trocas sociais realizadas pela interação social e pela conversação através da mediação do computador. Essas redes também seriam através da interação mediada por computador do tipo mútuo (Primo, 2003). (RECUERO, 2009, p. 94)

Como demonstrado na citação acima, as redes sociais emergentes têm relação com as interações do tipo mútuo, pois as trocas sociais acontecem através de conexões e da reciprocidade. Essas trocas acontecem com a mediação do computador conectado à internet. Desta forma, mostra-se como os conceitos

apresentados se interligam. Já as redes sociais por filiação, são as que possuem relação com as interações reativas, novamente, estímulo-resposta.

São redes cujas conexões são forjadas através dos mecanismos de associação ou de filiação dos sites de redes sociais. É o caso, por exemplo, das listas de “amigos” no Orkut, da lista de pessoas que alguém segue no Twitter, etc. Estudar as redes de filiação, assim, é traçar as conexões que são forjadas pelo sistema utilizado. Essas conexões são bastante diferentes das conexões das redes emergentes, pois representam uma rede mais estável e mais estática. (RECUERO, 2009, 98)

As conexões e demais possibilidades no ciberespaço podem ser vistas através das inúmeras formas de descrever essas interações. Ressalta-se que a principal questão da interação, independente de onde aconteça ou onde seja mediada, é a comunicação criada pelos participantes.

Estudar a interação social compreende, deste modo, estudar a comunicação entre os atores. Estudar as relações entre suas trocas de mensagens e o sentido das mesmas, estudar como as trocas sociais dependem, essencialmente, das trocas comunicativas. (RECUERO, 2009, p.31)

É evidente a importância do estudo da comunicação para o entendimento das interações. Além disso, estudar esses processos na internet deve ser através do olhar entendido sobre o que é o ciberespaço e as diversas formas de interação que ali podem acontecer. No caso da análise proposta nesta monografia, o estudo será das relações de interação mútua que ocorrem de forma tanto síncrona, mas principalmente assíncrona. A possibilidade de interagir nas publicações faz com que os interagentes participem por comentários e estabeleçam laços com demais interagentes e até mesmo o próprio gerenciador da página de Armandinho.

### 3.1.2 Facebook

Propõe-se uma breve apresentação da rede social *online* que posteriormente será analisada. O Facebook completou 10 anos de existência em fevereiro de 2014.<sup>13</sup> A rede social passou por muitas modificações e adequações no decorrer

---

<sup>13</sup> As informações sobre o Facebook foram retiradas de uma retrospectiva feita pelo portal de notícias Terra. Link para acesso: <http://tecnologia.terra.com.br/facebook-completa-10-anos-conheca-a-historia-da-rede-ocial,c862b236f78f3410VgnVCM20000099cceb0aRCRD.html>

desses 10 anos e hoje se apresenta bem diferente da ideia inicial. Essas diferenças são tanto no caráter visual quanto da proposta de fazer parte da rede.

Criado por quatro estudantes universitários: Mark Zuckerberg, Chris Hughes, Eduardo Saverin e Dustin Moskovitz, tinha como público alvo inicial somente os universitários. Em janeiro de 2004 foi criada a página, com nome original de “thefacebook”. Ainda com este público restrito, a rede alcançou 1 milhão de usuários. Quando permitido o acesso a demais pessoas, o Facebook alcançou 12 milhões de participantes. Já em 2009, Zuckerberg, viu sua rede social alcançar 360 milhões de usuários. No ano de 2011, atingindo 845 milhões de usuário, lembra-se que neste ano a rede teve papel importante no movimento social "Primavera Árabe", pois foi mobilizado a partir desta rede.

Além do caráter interativo, no caráter econômico a rede está avaliada em muitos bilhões na bolsa de valores. Mark Zuckerberg e sua criação também viraram filme, dirigido por David Fincher. O longa-metragem recebeu oito indicações ao Oscar, incluindo melhor filme.

Quanto às suas funcionalidades, os participantes podem interagir com instituições, celebridades e principalmente pessoas do seu círculo de amigos. Diferente de outras redes sociais na internet, esta suporta usuários menores de 18 anos, com no mínimo 13 anos. As interações podem ser através de mensagem, fotos, vídeos, criação de grupos fechados, criação de eventos e mensagens restritas.

Este é um breve histórico de como foi construído e como está hoje o Facebook. Muito estimada, esta rede social é núcleo central na proposta desta monografia, pois a partir dela é que foi criada a página de Armandinho. Com isso, obteve-se tanta visibilidade e possibilitou a interação dos “curtidore” com as publicações, que são possíveis de serem expostas e revisitadas a qualquer instante.

### 3.2 ANÁLISE: FUNÇÕES DA LINGUAGEM NAS TIRAS E NA INTERATIVIDADE.

Neste último item, trabalha-se com as análises propostas no decorrer desta monografia. Através de imagens retiradas da página de Armandinho no Facebook é que serão demonstradas as situações para as análises necessárias. O objetivo destas análises é verificar quais funções da linguagem estão aplicadas nas tiras de

---

Armandinho no período de junho de 2013 e quais funções da linguagem aparecem nas interações geradas nestas tiras. Desta forma, verificar qual o efeito de sentido gerado pelas tiras publicadas.

Antes de realizar as análises em si, é importante explanar alguns conceitos ligados à análise discursiva. O conceito de efeito de sentido é explicado a partir da visão de Charaudeau e Maingueneau (2008). De forma objetiva, os autores afirmam que “desde sua origem, a noção de efeito de sentido está ligada à noção de discurso, embora seja definida diferentemente conforme a teoria em que se inscreva.” (Charaudeau, Maingueneau, 2008, p. 179). Assim, como afirmam os autores, o efeito de sentido está diretamente ligado ao discurso, que neste trabalho está inscrita na visão teórica francesa da análise do discurso. Seguindo a conceituação dos autores franceses, através da visão do linguista Guillaume (1964), Charaudeau e Maingueneau também afirmam que os efeitos de sentido estão “relativos à infinita variedade de valores de que se podem revestir essas unidades no discurso, em função do contexto em que elas se inscrevem.”.

Destaca-se então que entender o contexto é muito importante para entender o efeito de sentido que ali está sendo observado. Quanto à questão de contexto no efeito de sentido, os autores dizem que “o efeito de sentido seria o sentido específico que aparece em contexto e em situação, não podendo ser apreendido senão por inferência.” (Charaudeau, Maingueneau, 2008, p. 179).

Charaudeau aprofunda os efeitos de sentido ao conceituar “efeito pretendido” e “efeito produzido” (2008, p.180). A proposição de Charaudeau é distinguir os efeitos que o sujeito que emite a comunicação pretende e o que ele busca produzir perante ao receptor. Além disso, o efeito produzido é o que este receptor entende da comunicação estabelecida. Porém, os efeitos produzidos pelo emissor não são, necessariamente, os efeitos pretendidos por ele. Desta forma, a comunicação pode ser estabelecida de forma que o emissor emite algo e o receptor pode entendê-la de forma diferente da intenção do emissor.

Assim, compreende-se como, em um modelo discursivo que contempla o duplo espaço externo/interno pela consideração das dimensões explícita e implícita do discurso, m mesmo ato de linguagem, formulado em função de um determinado destinatário ideal, possa produzir efeitos diferentes segundo o sujeito receptor que o interpreta (um enunciado irônico, por exemplo, será interpretado como tal por dado receptor e tomado ao pé da letra” por um outro). Do ponto de vista da análise de textos, pode-se dizer que um texto é portador de um conjunto de “efeitos possíveis”,

correspondentes tanto aos efeitos pretendidos da instância de comunicação quanto aos efeitos produzidos pela instância de interpretação. (CHARAUDEAU, MAINGUENEAU, 2008, p. 180)

Por isso, observa-se a importância do emissor compreender que deve ter atenção para que o sujeito receptor receba a mensagem da mesma forma como ela foi pretendida.

Outro conceito que será brevemente explanado é a visão da semiologia dos discursos sociais através do autor Milton José Pinto que é referência nesta conceituação. Em uma entrevista<sup>14</sup>, o autor fala sobre esta conceituação e como ela é abordada teoricamente por ele.

Mas eu trabalho com a semiologia da seguinte maneira: enquanto a semiologia estruturalista procura o sentido nas expressões linguísticas, a Semiologia dos Discursos Sociais procura as formas responsáveis por uma determinada expressão linguística, condicionada pela época, pela situação, dentro de diversos níveis de contextualização (situacional, institucional, histórico)." (PINTO, 2009, p. 105)

Para o autor, o contexto se apresenta como peça importante na determinação de situações linguísticas. As formas de expressão no texto também se apresentam importantes para o autor, que explica a semiologia como

uma descrição do conteúdo do texto a partir de suas formas de expressão. Não é uma análise de conteúdo, porque está preocupada com a produção de sentidos, mesmo que somente dentro do texto. Já a Análise de Discursos vai além disso, procura mostrar como e por que determinados sentidos são produzidos num texto. Ela só trabalha dentro de contextos determinados, históricos. Não se faz uma análise de discursos de um texto isolado, o que é possível nas análises semiológicas. É preciso relacionar com outros textos, com a época, com outros autores, às vezes. (PINTO, 2009, p. 107)

Como demonstrado pelo autor, a semiologia dos discursos sociais está preocupada com sentidos produzidos, no caso, os efeitos de sentidos que estão presentes nos textos. Além disso, a semiologia dos discursos sociais oferecem três postulados, explicados abaixo pela autora Inesita Araújo (2009):

O postulado da heterogeneidade enunciativa (PINTO, 1994) dispõe que todo texto é um conjunto de vozes (polifonia) que se exprimem, se articulam, se confrontam, se legitimam ou e desqualificam mutuamente a

---

<sup>14</sup> Entrevista com Milton José Pinto, concedida em 2009 para Revista EcoPós (RJ), disponível em: [http://www.revistas.ufrj.br/index.php/eco\\_pos/article/view/971/911](http://www.revistas.ufrj.br/index.php/eco_pos/article/view/971/911).

esta rede interativa entre enunciados, entre textos, entre contextos podemos chamar de dialogismo (BAHKTIN, 1988). O dialogismo é a essência do postulado da semiótica infinita (PINTO, 1994), que descreve o movimento incessante dos sentidos, através de uma rede remissiva que é acionada em cada enunciação. [...] Por fim, o postulado da economia política do significante, dispendo sobre o processo produtivo dos sentidos sociais, está na base da percepção da existência do mercado simbólico. (ARAÚJO, 2009, p.45)

Então, aplicando estas conceituações à análise que agora será apresentada, buscar-se-á relacionar as funções de linguagem apresentadas nas tiras com as funções apresentadas nas interações. Desta forma, visa-se investigar quais os efeitos de sentidos estão presentes nas interações e se as tiras alcançaram os efeitos pretendidos.

### 3.2.1 Funções da linguagem de Jakobson como categorias de análise:

As análises são apresentadas a partir da divisão de cada uma das funções de linguagem. Desta forma, as tiras não estão por ordem cronológica de postagem no Facebook. Após a explicação da tira quanto determinada função, explana-se sobre a interação a partir de um recorte nos comentários existentes na postagem. A critério para o recorte destes comentários foram por estarem mais atualizados na postagem.<sup>15</sup>

#### 3.2.1.1 Função emotiva:



Figura 25: Tira de 11 de junho de 2013.

Apresenta-se caráter de função emotiva a partir do texto dos balões e também do desenho. O personagem afirma que fará sua própria greve de ônibus e

<sup>15</sup> Esta atualização foi levada em conta quando foram recolhidos os objetos de análise desta monografia. O Facebook apresenta a possibilidade de interagir com postagens antigas, por isso, leva-se em conta a atualização de quando foram captados estes materiais.

no quadrinho final aparece andando de bicicleta. Desta forma, a ênfase está no emissor que demonstra sua opinião e apresenta uma atitude referente a isso.

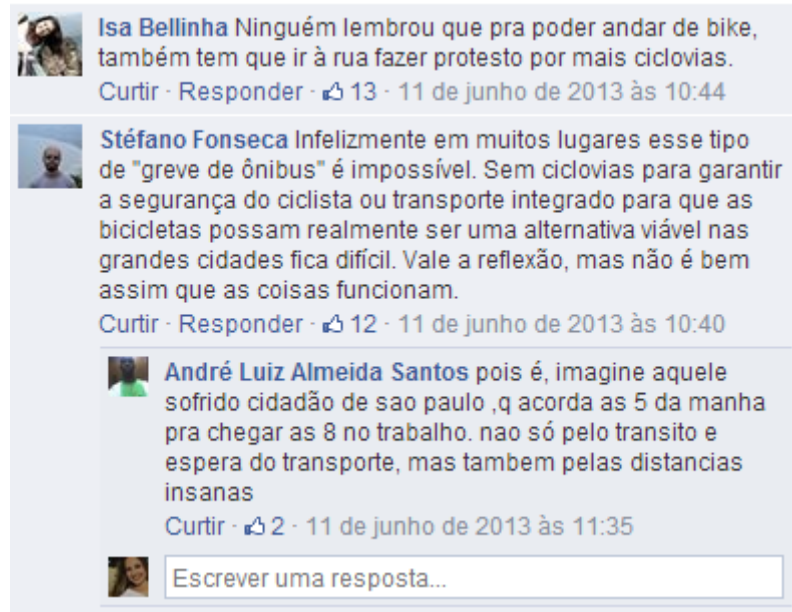


Figura 26: Interações com a tira do dia 25 de junho de 2013.

A função emotiva está presente nos comentários quando o interagente relaciona o ato de andar de bicicleta como algo impossível com o cotidiano de determinados brasileiros. Na frase “imagine aquele sofrido cidadão de São Paulo, q acorda as 5 da manhã pra chegar as 8 no trabalho. Não só pelo trânsito e espera pelo transporte, mas também pelas distancias insanas.” A forma como são usadas as palavras para as situações, o comentário do interagente demonstra o que vê de forma intensificada.



Figura 27: Tira de 15 de junho de 2013.

Pode-se afirmar que exerce a função emotiva através do uso de reticências na fala do personagem principal, pela linguagem do desenho em que todos estão



posicionados olhando para o horizonte e sorrindo, que em conjunto com a fala de Armandinho demonstram estarem positivos com a situação.

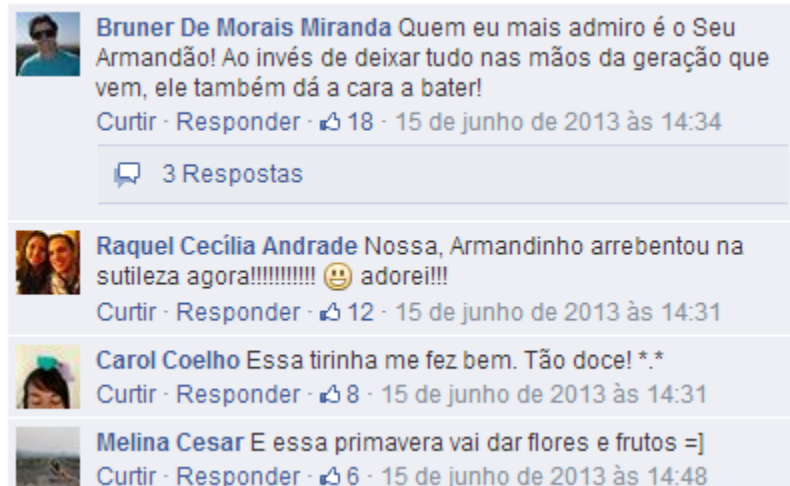


Figura 28: Interações com a tira do dia 15 de junho de 2013.

Na interação a partir dos comentários, também aparecem com a função emotiva. Exemplos como: “Quem eu mais admiro é o Seu Armandão! Ao invés de deixar tudo nas mãos da geração que vem, ele também dá a cara a bater!” e “Essa tirinha me fez bem. Tão doce!” São expressas as opiniões pessoas em relação ao próprio personagem. Se sentem tão identificados com a tira que expressam emoção em relação ao personagem e à tira em si.



Figura 29: Tira de 16 de junho de 2013.

Analisada como função emotiva por exprimir a opinião de pai de Armandinho. O personagem responde ao questionamento do filho e nas entrelinhas expõe sua opinião sobre as “bombas de efeito moral” a partir da frase “porque acaba com a moral de quem a lança...”



Figura 30: Interações com a tira do dia 16 de junho de 2013.

A função emotiva fica aparente na interação com a tira quando, nos comentários se expõe a opinião pessoal dos interagentes, concordando com a tira. No exemplo: “Deixa todo mundo sem moral, Dinho. Quem lança, por ser tão furioso e quem recebe, porque se sente um lixo”. As afirmações não podem ser comprovadas, são colocações pessoais, de forma emotiva.



Figura 31: Tira de 17 de junho de 2013.

Compõe a categoria de função emotiva, pois na construção do diálogo, expõe a opinião dos personagens. No segundo quadrinho Armandinho diz “tenho medo da PEC 37” e essa é sua justificativa por não conseguir dormir. No último quadro, o pai aparece afirmando que não consegue dormir, surte o efeito de forma sutil de que ele também está com medo da PEC 37.<sup>16</sup>

<sup>16</sup> Emenda Constitucional 37/2011 foi rejeitada pelo plenário da Câmara dos Deputados, com por 430 votos contrários e 9 favoráveis, além de duas abstenções. A votação no final do mês de junho, após as manifestações.

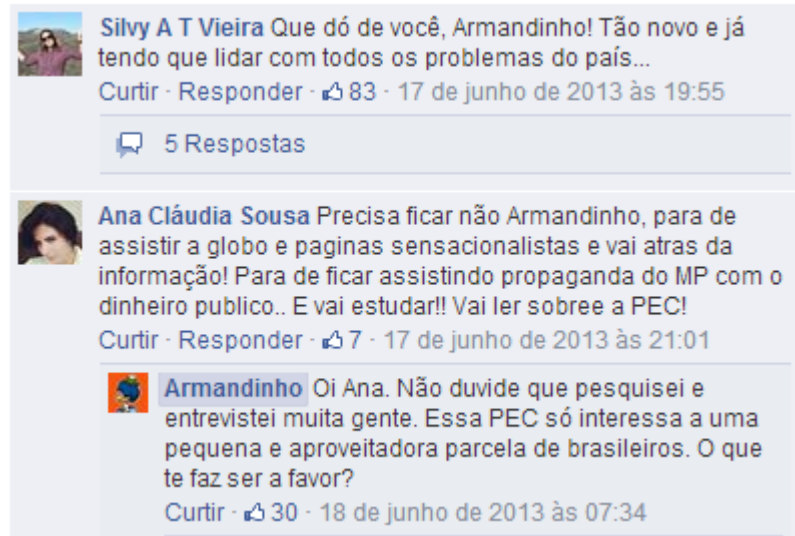


Figura 32: Interações com a tira do dia 17 de junho de 2013.

Algumas interações também são de função emotiva. Como: “Que dó de você Armandinho! Tão novo e já tendo que lidar com todos os problemas do país...” A interagente expressiu a sua opinião e interagiu diretamente com o personagem.



Figura 33: Tira de 18 de junho de 2013.

Demonstra função emotiva através do texto nos balões de fala. O pai afirma que o filho quer mudar o mundo sozinho. Porém, Armandinho responde dizendo que não está sozinho, apenas estão espalhados. E o caráter emotivo também se apresenta pelo contexto da tira. Armandinho faz referência aos movimentos sociais que estavam reunindo muitos participantes no Brasil. Desta forma, mostra sua opinião sobre os movimentos, que é de fazer parte deles.

---

“Se fosse aprovada, o poder de investigação criminal seria exclusivo das polícias federal e civis, retirando esta atribuição de alguns órgãos e, sobretudo, do Ministério Público (MP).” Informações da Empresa Brasil de Comunicações (EBC): <http://www.ebc.com.br/noticias/brasil/2013/06/entenda-o-que-e-a-pec-37>

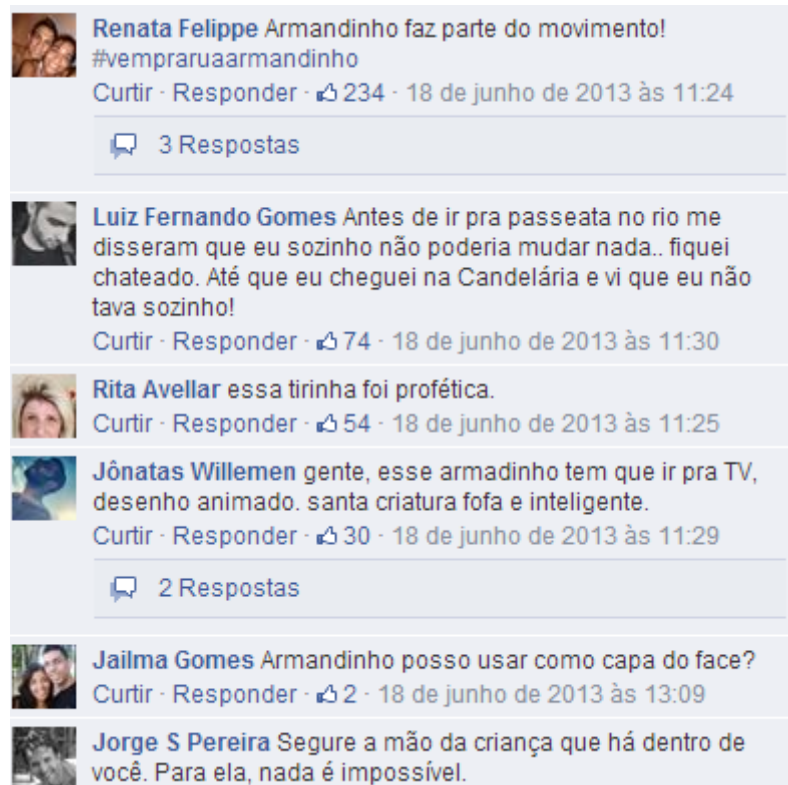


Figura 34: Interações com a tira do dia 18 de junho de 2013.

Função emotiva nas interações com o exemplo: “Segure a mão da criança que há dentro de você. Para ela, nada é impossível.” O interagente expressa sua opinião sobre o assunto de forma subjetiva. Outra função emotiva que se destaca é “Armadinho faz parte do movimento! #Vempraruarmadinho”. O interagente afirma a participação do personagem com os movimentos que aconteciam no Brasil.



Figura 35: Tira de 23 de junho de 2013.

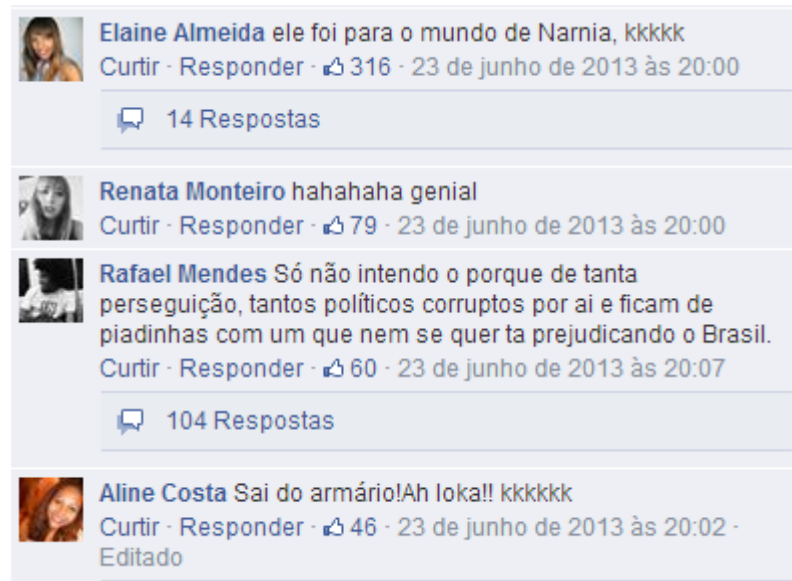


Figura 36: Interações com a tira do dia 23 de junho de 2013.

Nas interações a função emotiva aparece em “ele foi para o mundo de Nárnia” uma mensagem subentendida fazendo referência a um filme em que dentro de um armário existe um mundo mágico. E também em “hahaha genial” por expressar a opinião do leitor sobre a tira através da risada e do elogio.



Figura 37: Tira de 19 de junho de 2013.

A função emotiva está exposta tanto na parte escrita quanto no traço do desenho. A construção dos quadrinhos é falando diretamente com o leitor através do uso do “você”, logo no primeiro quadrinho. Fala subjetivamente sobre pessoas que protestam e são criticadas. Além disso, o uso de um cartaz com um coração também se aplica a função emotiva.

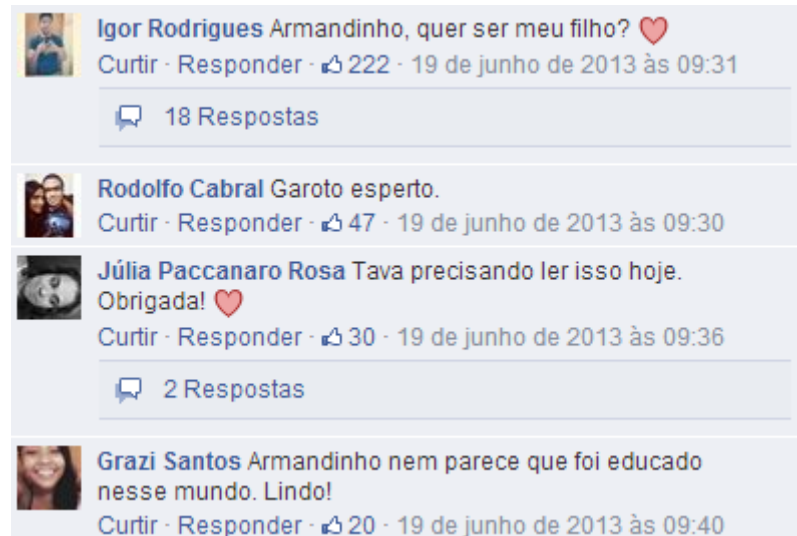


Figura 38: Interações com a tira do dia 19 de junho de 2013.

A função emotiva também se aplica aos comentários quando demonstram carinho pelo personagem. Falas como “Armandinho, quer ser meu filho? (figura de um coração)”; “Garoto esperto”; “Armandinho nem parece q foi educado nesse mundo. Lindo!”; demonstram isso. É interessante destacar que novamente os interagentes falam diretamente com o personagem.



Figura 39: Tira de 22 de junho de 2013.

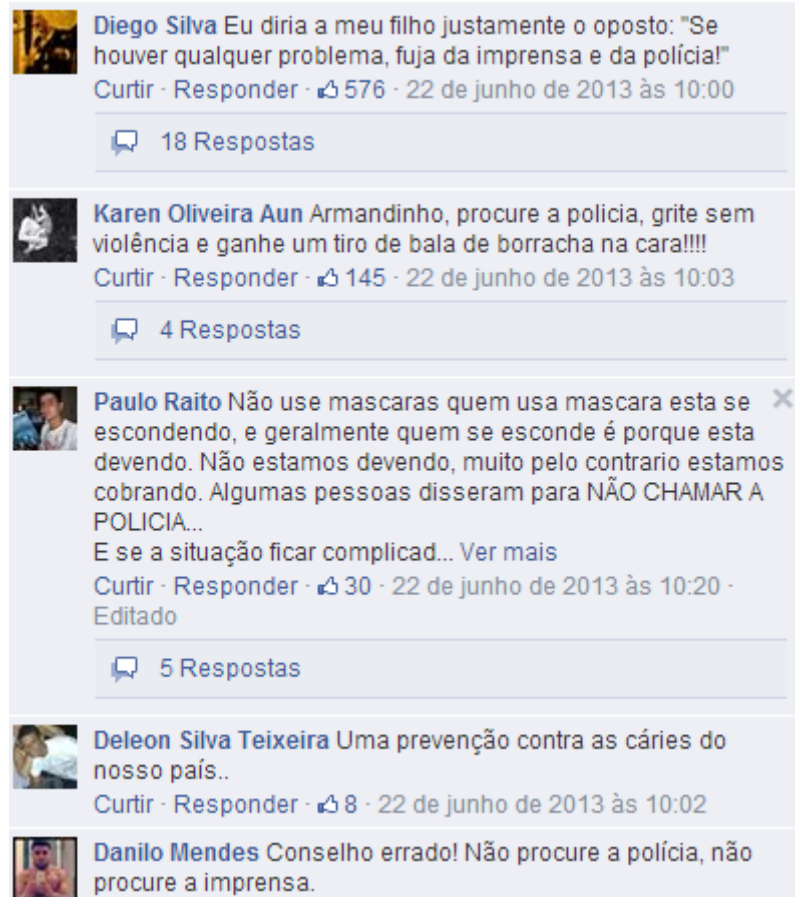


Figura 40: Interações com a tira do dia 22 de junho.

Os interagentes participaram com comentários contrários aos “conselhos” do pai. Por serem opiniões pessoais, apresentam função emotiva. Em “Conselho errado! Não procure a polícia, não procure a imprensa.” e também “Eu diria a meu filho justamente o oposto: Se houver qualquer problema, fuja da imprensa e da polícia!” são exemplos desta opinião contrária. O uso de metáforas como “Uma prevenção contra as cáries do nosso país...” faz uso da função emotiva.



Figura 41: Tira de 21 de junho de 2013.

A função emotiva se expressa quando o Armandinho fala sobre os movimentos sociais ao comparar com um jogo de futebol. Dessa forma, o



personagem relata os acontecimentos de forma subjetiva e com a sua opinião. Além disso, o personagem “sapo” também participa da comunicação dos quadrinhos através da expressão facial, que também colabora para a função emotiva da tira.

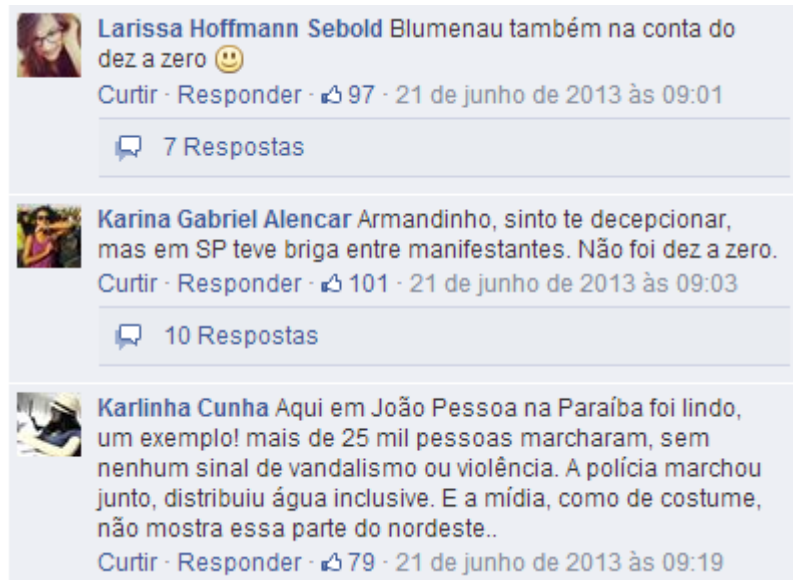


Figura 42: Interações com a tira do dia 21 de junho de 2013.

Os comentários, em sua maioria, são emotivos porque expressam a opinião dos interagentes. Falas como “Blumenau também na conta do dez a zero.” coloca o interagente também querendo fazer parte da tira.



Figura 43: Tira de 23 de junho de 2013.

Na tira, o pai do Armandinho está assistindo ao jogo do Brasil na presença de outro homem. Eles dialogam sobre quem deve entrar e/ou sair do jogo. Armandinho, ao ouvir na conversa “tá, bota o Neymar e tira quem?” responde “Tira o Renan Calheiros!”. Renan Calheiros é o atual presidente do Senado brasileiro. O político é acusado de diversas corrupções e se afastou do cargo em 2007. Portanto, com a “intromissão” de Armandinho na conversa, ele demonstra sua opinião sobre a



situação brasileira, que é bem diferente do debate sobre futebol que ali estava construído.



Figura 44: Interações com a tira do dia 23 de junho de 2013.

Os interagentes criaram coro para retirar outros nomes do poder. Alguns citam nomes, como Feliciano e Geraldo Alckmin e outros apenas afirmam que há muitas pessoas para serem listadas. Esses comentários tem função emotiva, pelo caráter de opinião pessoal sobre as pessoas.



Figura 45: Tira de 30 de junho de 2013.

Armandinho na sua primeira fala diz “Parece que o Brasil acordou mesmo!”. Neste momento, dizer que o país acordou faz referência ao lema das manifestações no Brasil: “O gigante acordou”. E o fato dele relacionar esse “acordar” com o futebol, é porque o Brasil ganhou a Copa das Confederações que foram realizadas no país.

A função emotiva se expressa na fala de Armandinho por ele dizer, subjetivamente, sua opinião sobre a atualidade.



Figura 46: Interações com a tira do dia 30 de junho de 2013.

Nas interações, alguns comentário concordavam com Armandinho, como “É isso aí Armandinho, mostra que dá pra torcer pra seleção e por um país melhor!”. Outros acreditavam em um campeonato comprado pelo Brasil para tirar o foco das manifestações. Com isso, se dividiu a opinião dos leitores em relação a tira, uns a favor e outros contra. Por esses comentários serem somente a opinião dos leitores em relação ao jogo ter sido bom ou comprado, mostra-se a função emotiva também, porque são opiniões pessoais.



Figura 47: Tira de 05 de julho de 2013.

Armandinho conversa ao telefone com sua avó. Com uso de metáfora, Armandinho compara a política com uma “grande festa”. Ao usar de figura de linguagem, fica mais clara a função emotiva.

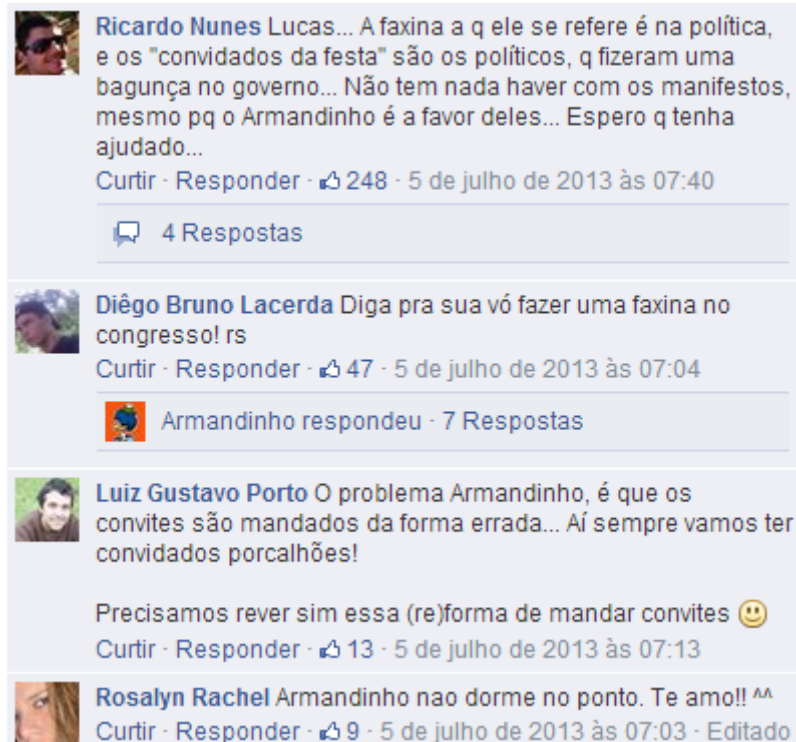


Figura 48: Interações com a tira de 05 de julho de 2013.

Os interagentes também fizeram uso de metáforas. Com a função emotiva em quase todos os comentários, os leitores dizem que “uma faxina é importante, Armandinho.” Ou então que “O problema Armandinho, é que os convites são mandados da forma errada... Aí sempre vamos ter convidados porcalhões”. Este último se refere às eleições e que a população que “convida” o político a fazer parte “da festa”.



Figura 49: Tira de 26 de junho de 2013.

Expressa função emotiva, pois Armandinho expressa de forma subjetiva que alguns objetivos com as manifestações foram alcançados. O personagem dá tchau ao aumento de passagens e a PEC 37. Porém, no último quadrinho demonstra que ainda falta uma lista grande de objetivos para serem alcançados.



Figura 50: Interações com a tira do dia 26 de junho de 2013.

Nos comentários há a função emotiva quando respondem diretamente ao personagem. Em "Isso vai longe ainda Armandinho. Infelizmente." Mostra que o interagente acredita há muitas coisas para mudar. Há também a função poética quando faz citação de uma música gaúcha "Não podemo se entrega pros home de jeito nenhum, amigo e companheiro. Não tá morto que luta, quem peleia..." Fazendo referência que a luta não deve parar, indo ao encontro da lista que Armandinho consultou na tira.



Figura 51: Tira de 14 de junho de 2013.

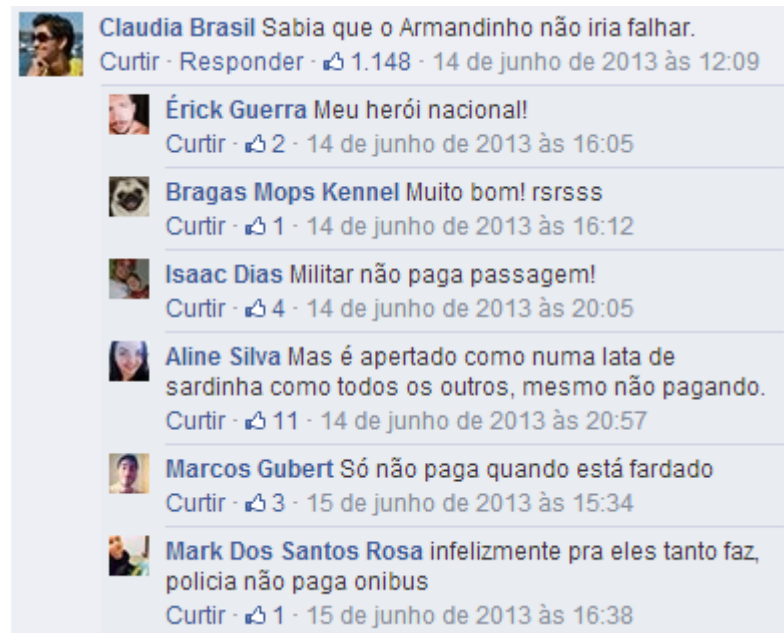


Figura 52: Interações com a tira do dia 14 de junho de 2013.

Os interagentes se demonstram satisfeitos com o apelo de Armandinho e, consecutivamente, com o seu posicionamento. As funções de linguagem expressas nos comentários são de maioria emotiva. Comentários como “Sabia que o Armandinho não iria falhar.” demonstra a opinião do leitor apoiando a expressão do personagem.



Figura 53: Tira de 01 de julho de 2013.



Figura 54: Interações com a tira de 01 de julho de 2013.

Nos comentários as interações acontecem com a função emotiva quando expressam a opinião pessoal falando diretamente ao Armandinho: “Muito bem, Armandinho! Não esqueçamos a nossa lista! Agora, é avante nação brasileira. A rua nos espera!”.

### 3.2.1.2 Função conativa:

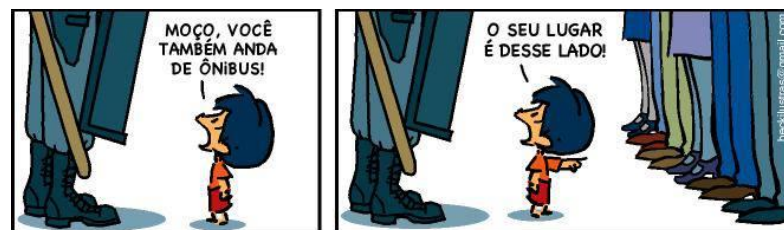


Figura 55: Tira de 14 de junho de 2013.

A função conativa é evidente quando o personagem mostra para um policial que ele está do lado errado nas manifestações. O seu apelo é que ele não fique contra aos protestos, mas que faça parte deles, pois também é do seu interesse. Demonstra isso em “Moço, você também anda de ônibus!”.





Figura 56: Interações com a tira de 14 de junho de 2013.

Os interagentes se demonstram satisfeitos com o apelo de Armandinho e, consecutivamente, com o seu posicionamento. As funções de linguagem expressas nos comentários são de maioria emotiva. Comentários como “Sabia que o Armandinho não iria falhar.” demonstra a opinião do leitor apoiando a expressão do personagem.



Figura 57: Tira de 17 de junho de 2013.

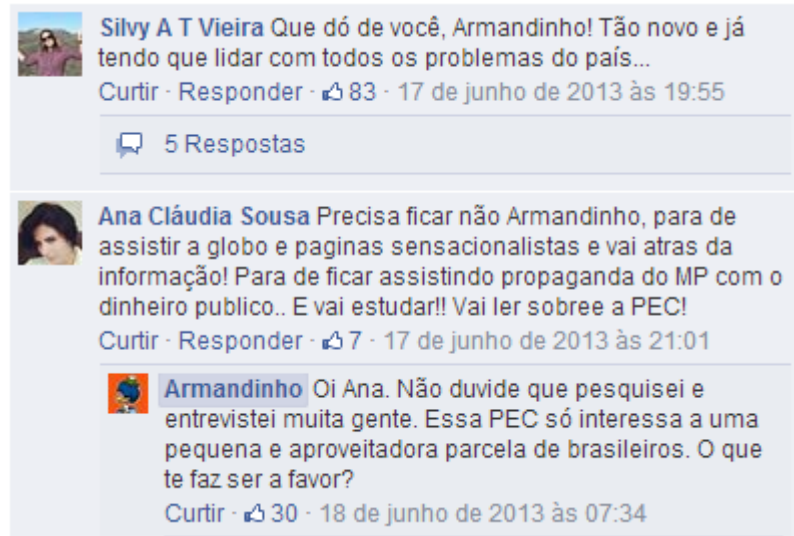


Figura 58: Interações com a tira de 17 de junho de 2013.

No comentário “Precisa ficar não Armandinho, para de assistir a globo e páginas sensacionalistas e vai atrás da informação! Para de ficar assistindo propaganda do MP com dinheiro público... E vai estudar!! Vai ler sobre a PEC!” A interagente expressiu a função conativa/apelativa, pois ela fala diretamente com o personagem e fala para ele parar de fazer certas atitudes..



Figura 59: Tira de 17 de junho de 2013.

Novamente a tira que apresenta uma função apelativa é um diálogo entre Armandinho e um policial. A função pode ser vista através da linguagem escrita quanto do desenho. Armandinho vai até um policial e o chama: “Moço!”. No outro quadrinho, ele completa: “Tem uma lixeira ali na frente!”. Neste mesmo quadro, Armandinho estende, o que parece ser uma bomba de efeito moral. Este ato de entregar a bomba em direção ao policial representa o apelo de que ele não jogue mais a bomba na rua.



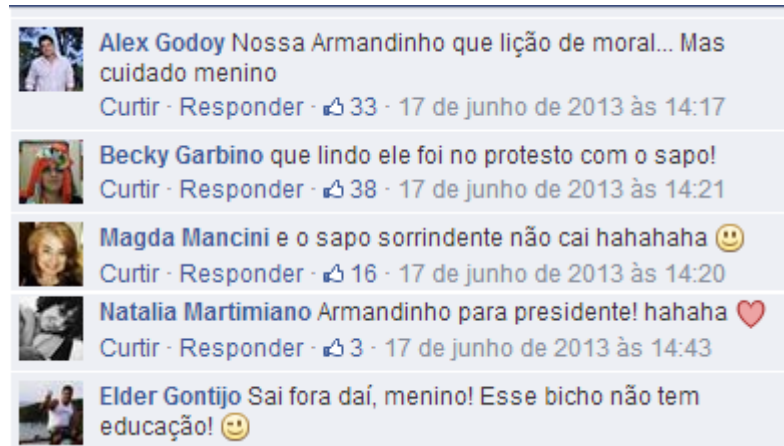


Figura 60: Interações com a tira de 17 de junho de 2013.

As respostas foram as mais diversas, principalmente, pedindo para Armandinho ter cuidado. Por exemplo: “Sai fora daí, menino!” ou então “Nossa Armandinho que lição de moral...mas cuidado menino”. Essas interações também funcionam como forma de apelo.



Figura 61: Tira de 18 de junho de 2013

Armandinho conversa com um Deputado Federal que gera polêmica no país por seu posicionamento conservador, Marco Feliciano. A função conativa aparece quando Armandinho apela/sugere que Feliciano não saia na rua e vá para uma biblioteca ler. Quando Armandinho diz “Ler pode ajudar na sua cura!”, faz referência ao Projeto do deputado que foi nomeado “Cura Gay”, com a proposta de apoio psicológico para que as pessoas deixassem de ser homossexuais.

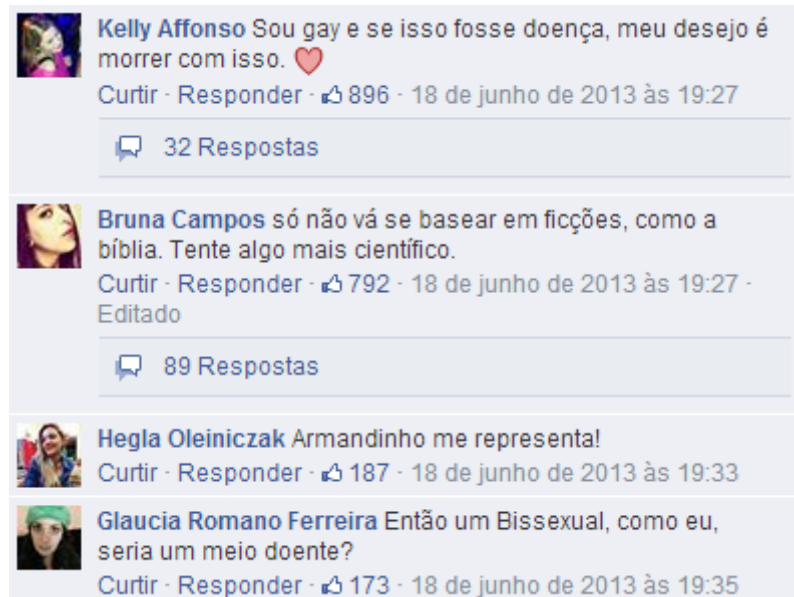


Figura 62: Interações com a tira de 18 de junho de 2013

Nesta tira a maioria dos comentários não foram diretamente para Armandinho. Os leitores comentaram suas orientações sexuais e sobre a situação da criação de tal projeto. Os comentários mais representativos foram os emotivos, muitas vezes por forma de metáforas: “Então um Bissexual, como eu, seria um meio doente?”. Quanto ao Armandinho, o apoio a tira se deu em comentários como “Armandinho me representa!”.



Figura 63: Tira de 18 de junho de 2013.

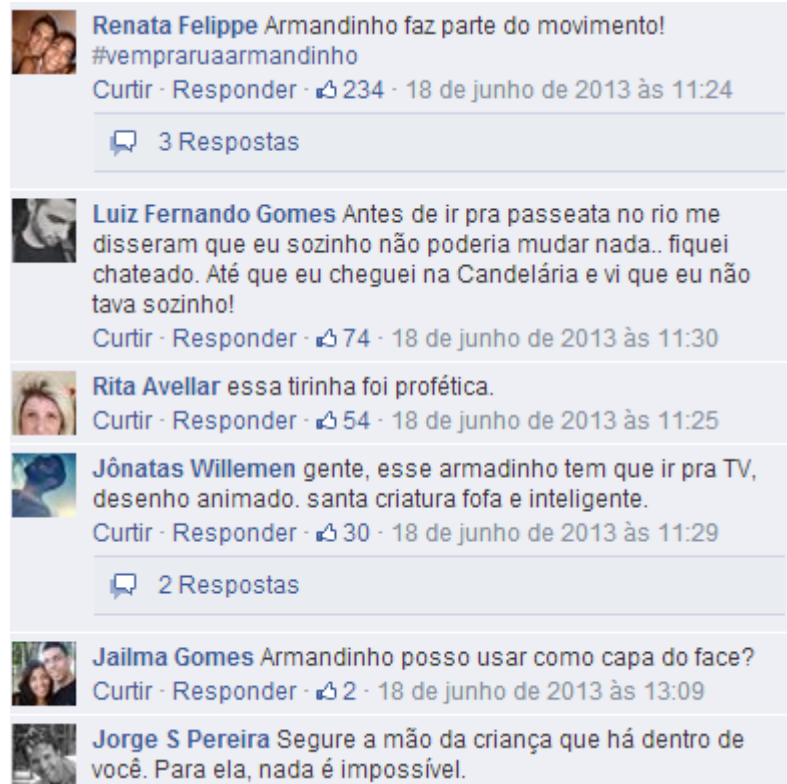


Figura 64: Interações com a tira do dia 18 de junho de 2013.

Na se destaca “Armadinho faz parte do movimento! #Vempraruarmadinho”. O interagente afirma a participação de Armandinhos nos movimentos que aconteciam no Brasil. Além disso, na sua fala também há função conativa ao usar a *hashtag* chamando o personagem para ir às ruas.

Destaca-se a apropriação do conteúdo das tiras e no comentário: “Armadinho, posso usar como capa do face?”. Dessa forma, pede “permissão” ao personagem para fazer isto.



Figura 65: Tira de 19 de junho de 2013.

Armadinho conversa com seu pai e na última tira diz “Vem, vamos embora!”. Além da função conativa do chamamento pela participação do pai, a frase faz

referência a uma música que marcou o período da Ditadura no Brasil – Pra não dizer que não falei de flores, de Geraldo Vandré.

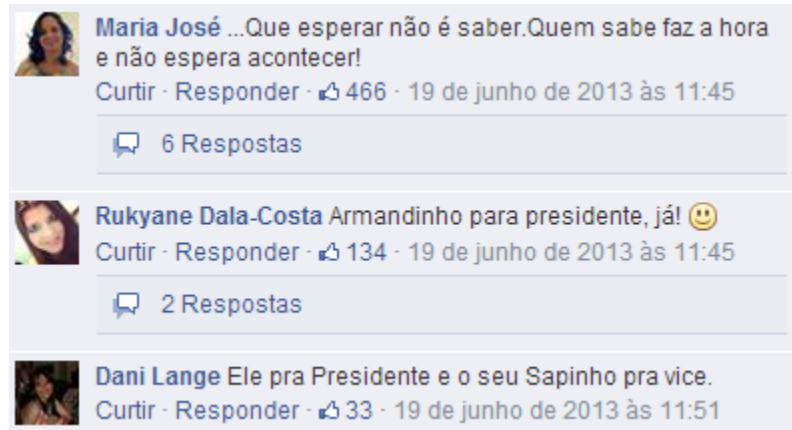


Figura 66: Interações com a tira do dia 19 de junho de 2013.

A interação com a tira aconteceu através da música. Alguns completaram a letra ou lembraram da época. Porém, novamente há a função conativa em “Armandinho para presidente, já!” e “Ele para Presidente e seu Sapinho pra vice.”. Desta forma, os interagentes fazem um apelo, de que Armandinho, com sua criticidade, se torne presidente do país.



Figura 67: Tira de 22 de junho de 2013

. O apelo desta vez vem por parte da fala do pai ao Armandinho. No primeiro quadrinho o pai diz “Não use máscaras, nem cubra o rosto!”, no segundo orienta “Se houver qualquer problema, procure a imprensa ou a polícia!”. A forma como ele constrói estas afirmações se tornam um apelo, que é amenizado no último quadrinho quando Armandinho afirma: “Pai, eu só vou no banheiro escovar os dentes!”. Essa tira estava em um contexto em que muitos adolescentes participavam das manifestações sem a aprovação dos pais.

Interações com a tira de 22 de junho de 2013 encaixaram-se na categoria de Função Emotiva.



Figura 68: Tira de 23 de junho de 2013.



Figura 69: Interações com a tira de 23 de junho de 2013.

Os interagentes pedem a retirada de outros nomes do poder. Há o papel apelativo no uso de “Por favor!” e “Ah, tira todo mundo!!”, por exemplo.

### 3.2.1.3 Função poética:



Figura 70: Tira de 11 de junho.

Foi a primeira postagem no mês de junho que fazia referência aos debates das manifestações. Neste caso, o aumento do preço das passagens de ônibus. A tira se encaixa na função poética pela linguagem rimada apresentada nos balões de fala.



Figura 71: Interações com a tira do dia 11 de junho de 2013.

Nas interações com a tira, os comentários também utilizaram a função poética. Em “No outono o povo é engano e continua em frente. No verão, na primavera, no inverno continuamos em frente. Quando será a estação do enfrente?” o interagente faz uma metáfora com ir em frente ou enfrentar o aumento das tarifas. Também acontece em: “No outono a cara de pau dos prefeitos aumenta... E nas eleições aumenta de novo.” A função aplicada na tira também refletiu nas interações.



Figura 72: Tira de 18 de junho de 2013

Pode-se afirmar a função poética pelo uso da linguagem figurada e da rima. Na rima, os dois primeiros quadros dizem “Seu pai anda muito pensativo...”

desconfiado, incomodado, preocupado...” e a figura de linguagem está no último quadrinho que Armandinho afirma “Ele está com uma PEC atrás da orelha...” que substitui o ditado popular “uma pulga através da orelha” que significa desconfiança de algo.

Interações com a tira de 18 de junho de 2013 encaixaram-se na função emotiva e referencial.



Figura 73: Tira de 23 de junho de 2013.

A função poética está na construção de dois cenários. Armandinho ouve de seu pai “Essa onda de protestos no país todo... muito político deve estar se escondendo!” e no último quadro, que acontece em outro cenário, alguém diz em frente a um armário “Pode sair, Feliciano!” e a resposta é “Não, não e não!”. A função poética é pela linguagem figurada utilizada: Ao dizer para Marco Feliciano sair de um armário, remete ao jargão usado quando uma pessoa é gay e não assume. No caso, Marco Feliciano é o criador do já comentado Projeto apelidado de Cura Gay.

Interações com a tira de 23 de junho de 2013 encaixaram-se na função emotiva.



Figura 74: Tira de 26 de junho de 2013.





Figura 75: Interações com a tira de 26 de junho de 2013.

Nos comentários há a função poética quando faz citação de uma música tradicionalista gaúcha “Não podemo se entrega pros home de jeito nenhum, amigo e companheiro. Não tá morto que luta, quem peleia...” Fazendo referência que a luta não deve parar, indo ao encontro da lista que Armandinho consultou na tira.

### 3.2.1.4 Função metalinguística:



Figura 76: Tira de 01 de julho de 2013.

Denomina-se esta tira como metalinguística, pois faz referência a outra tira do Armandinho publicada em 27 de junho de 2013. No último quadrinho Armandinho questiona “como anda nossa lista?”. Ele está voltando a uma lista em que ele dá



“adeus” para os objetivos alcançados. Como por exemplo: aumento de passagens e PEC 37.

Interações com a tira de 01 de julho de 2013 encaixaram-se na função emotiva e referencial.

### 3.2.1.5 Função referencial:



Figura 78: Tira de 11 de junho de 2013.

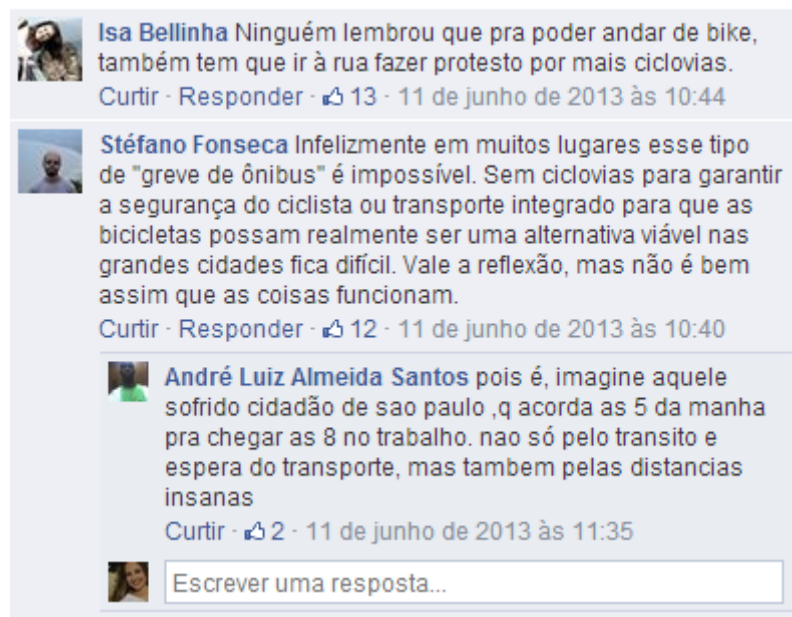


Figura 79: Interações com a tira de 11 de junho de 2013.

Destaca-se na função referencial: Ao informarem a falta de segurança para andar de bicicleta por não existirem ciclovias. Há uma constatação do que são as ruas do país.



Figura 80: Tira de 17 de junho de 2013.

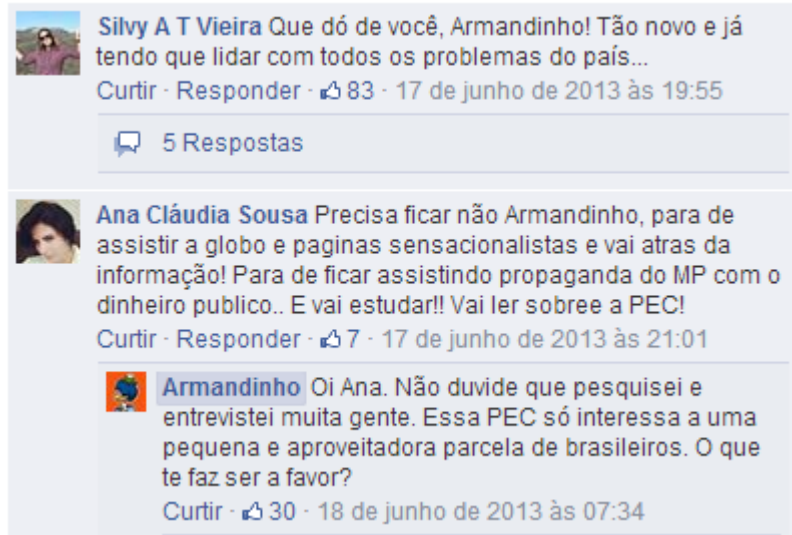


Figura 81: Interações com a tira de 17 de Junho de 2013.

No comentário “Precisa ficar não Armandinho, para de assistir a globo e páginas sensacionalistas e vai atrás da informação! Para de ficar assistindo propaganda do MP com dinheiro público... E vai estudar!! Vai ler sobre a PEC!” gerou-se a resposta da página do Armandinho, no caso, com a voz do autor das tiras: “Oi Ana. Não duvide que pesquisei e entrevistei muita gente. Essa PEC só interessa a pequena e aproveitadora parcela de brasileiros. O que te faz ser a favor?” Nesta resposta, a função é referencial por o autor utilizar a linguagem objetiva.



Figura 82: Tira de 21 de junho de 2013.

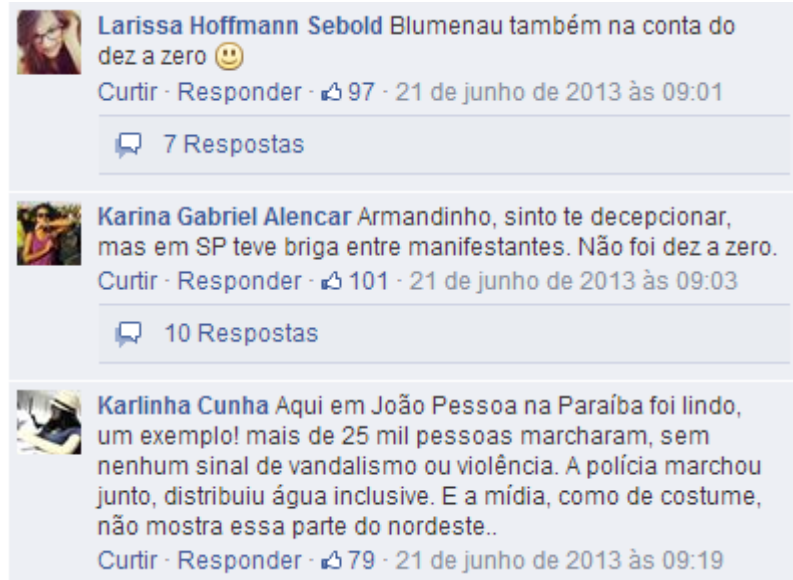


Figura 83: Interações com a tira de 21 de junho de 2013.

Nos comentários, há informações de manifestações sociais que ocorreram no Brasil e desta forma também ativam a função referencial, que é de informar. Falas como “Blumenau também na conta do dez a zero.” coloca o interagente também querendo fazer parte da tira. Já em “Armandinho, sinto te decepcionar, mas em SP teve briga entre manifestantes. Não foi dez a zero.” o comentário contesta a informação da tira.



Figura 84: Tira de 14 de junho de 2013.



Figura 85: Interações com a tira de 14 de junho de 2013.

Nos comentários abre-se uma discussão sobre militares não pagarem passagem, que apresenta uma função referencial por ser uma informação objetiva. Porém, as respostas são que mesmo sem pagar passagem, militar também enfrenta transporte público precário.



Figura 86: Tira de 18 de junho de 2013.



Figura 87: Interações com a tira de 18 de junho de 2013.

Nas interações apresenta-se a função referencial quando informam quais são as PEC's e sobre petições *online* contra a efetivação destas.



Figura 88: Tira de 01 de julho de 2013.



Figura 89: Interações com a tira de 01 de julho de 2013.

Nos comentários as interações acontece a função referencial quando afirmam o que deve conter na lista, por ser a realidade brasileira, como “Cheia de prioridades: Saúde, Educação, Segurança...”.

A análise partiu de um recorte dos comentários nas tiras, visto que, havia um enorme aparato de interações possíveis, tanto pela quantidade de comentários, quanto de compartilhamentos. Percebeu-se nestas análises que as funções aplicadas nas tiras, na maioria das vezes, foram detectadas novamente nos comentários. Assim, as tiras e as interações ficaram na mesma categoria de análise, percebendo que quanto a efeitos de sentidos, o efeito pretendido e o efeito produzido, em sua maioria, se equivaleram. Porém, merece destaque também que a maioria das tiras estão categorizadas como função emotiva e os comentários também estão em maior quantidade nesta categoria. Para melhor visualização, contabiliza-se na tabela abaixo:

Função	Quantidade de tiras	Quantidade <i>prints</i> de interações
Emotiva:	11	15
Metalinguística:	1	0

Conativa:	5	7
Referencial:	0	6
Fática:	0	0
Total:	20	30

As interações se repetem, pois, de uma mesma tira pode se encaixar em diferentes funções, por isso as quantidades entre tiras e interações são diferentes. Como visto, a função emotiva é mais presente e utilizada, tanto nos comentários quanto na produção das tiras. Mesmo que o conteúdo seja político e ideológico, o caráter da linguagem das tiras é evidente, fazendo com que o conteúdo seja aplicado ao seu formato. Assim, pode-se perceber que função emotiva faz com que as tiras aproximem o leitor do conteúdo das tirinhas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

No Brasil, em 2013, aconteceram manifestações sociais em dois ambientes diferentes: *online* e *off-line*. Porém, esses ambientes não estavam comunicando coisas diferentes. Ao contrário, o que era programado e debatido nos espaços públicos *online*, como redes sociais, era levado aos espaços públicos das ruas brasileiras. Essa união de *online* e *off-line* não é um caso isolado, pois foram vistos os exemplos de manifestações no oriente em que tudo começou na internet. Entretanto, ainda são novas essas atitudes de unir o ciberespaço ao espaço físico e gerar movimentos sociais significativos e organizados.

Os movimentos, além de pautarem as redes sociais *online*, pautaram os veículos jornalísticos do país. Tanto jornais impressos quanto portais de notícia brasileiros tornaram os movimentos sociais do Brasil suas principais pautas e manchetes. Como visto nesta monografia, até mesmo os jornais de maior representatividade da televisão brasileira, Jornal Nacional, assumiu ao vivo a mudança do foco da Copa das Confederações para focar nos manifestos e protestos. Além de mobilizar a participação de cidadãos, os movimentos chamaram a atenção dos holofotes da imprensa brasileira.

No Brasil, o conteúdo da página de Armandinho no Facebook foi utilizado pelos seus interagentes no período dos movimentos sociais de junho de 2013. Essa utilização e apropriação aconteceram como forma de afirmarem suas ideologias durante o período de protestos no país. A partir do personagem principal, a figura de uma criança, assuntos polêmicos eram lançados na rede de forma sutil e levantando os questionamentos.

Então, essas postagens na página de Armandinho assumiram caráter de demonstrar a opinião do personagem sobre os acontecimentos. Foi visto na análise que os interagentes aguardavam o posicionamento do personagem e deixavam isso claro através de comentários. As tiras se utilizaram, em sua maioria, da linguagem emotiva para entrar em contato com o leitor. Os efeitos de sentidos pretendidos e os efeitos de sentido produzidos (CHARAUDEAU, 2008) geralmente estavam em consonância. Pois, o personagem adentrava no ciberespaço e os interagentes concordavam e confiavam no seu posicionamento sobre as manifestações e demais acontecimentos naquele período.



Com a teoria das funções da linguagem de Jakobson, pesquisou-se como essas apropriações e interações aconteciam na página de Armandinho no Facebook. A interação mediada pelo computador muda o caráter da interação, pois esta não precisa mais ser compartilhada e vivida no mesmo espaço físico e de tempo. O autor das tiras lança as tiras na rede social e a qualquer momento elas podem ser acessadas novamente e ser estabelecida alguma forma de interação com seu conteúdo.

Por fim, concluí-se que as redes sociais *online* propiciaram uma nova vivência para os brasileiros que participaram dos movimentos sociais de 2013. Além disso, permitiu que o personagem, aqui objeto de análise, também se tornasse mais conhecido no Brasil. É preciso saber a importância do que é publicado em rede, pois permanece ali para acesso de qualquer um a qualquer momento. Por isso deve-se ter o cuidado com o que é compartilhado, pois qualquer equívoco ali será disseminado. Por fim, saber usar e dialogar com os interagentes também é importante, pois, desta forma foi possível que Armandinho alcance tantos fãs e tantas pessoas que com ele interagiam e que dele esperavam um posicionamento sobre os acontecimentos no país. Apesar de ser um personagem com características que o dissociariam de apresentar um posicionamento político, foram essas as características que se destacaram em suas tiras. Os brasileiros precisavam de uma forma para representar suas opiniões; em Armandinho, encontraram uma forma mais sutil de dizer o que sentiam e o que queriam.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTOUN, Henrique. **O Poder da Comunicação e o Jogo das Parcerias na Cibercultura**. In: XIII COMPÓS - 13 Encontro Anual da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação. São Bernardo, 2004.

ARAÚJO, Inesita Soares. **Contextos, mediações e produção de sentidos: uma abordagem conceitual e metodológica em comunicação e saúde**. In: RECIIS – Revista Eletrônica de Comunicação Informação & Inovação em Saúde. Rio de Janeiro, 2009.

ARNT, Janete Teresinha. CATTO, Nathalia Rodrigues. **Entre funções e metafunções: estudo comparativo entre Jakobson e Halliday**; Programa de Pós-Graduação em Letras – Estudos Linguísticos, da Universidade Federal de Santa Maria, 2010.

BECK, Alexandre. **Armandinho Zero** – 1ª Ed. – Florianópolis, SC: A. C Beck, 2013.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**; tradução Fernando Tomaz – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede - Do Conhecimento à Acção Política**. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 2005.

\_\_\_\_\_. **Redes de Indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet** – Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

CHARAUDEAU, Patrick. MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de análise do discurso**; coordenação da tradução Fabiana Komesu – São Paulo: Contexto, 2008.

CHARAUDEAU, Patrick. **Linguagem e discurso: Modos de Organização**; coordenação da equipe de tradução Angela M. S. Corrêa & Ida Lúcia Machado. São Paulo: Contexto, 2010.

DIJK, Teun. A. van. **Discurso e Poder**; Judith Hoffnagel, Karina Falcone, organização. – São Paulo: Contexto, 2008.

EAGLETON, Terry. **Ideologia. Uma introdução**/Terry Eagleton; tradução Silvana Vieira, Luís Carlos Borges. – São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista: Editora Bomtempo, 1997.

EISNER, Will. **Quadrinhos e arte sequencial**. São Paulo: Martin Fontes, 2001.

\_\_\_\_\_. **Narrativas gráficas**. São Paulo: Devir, 2005.

GARLET, Nadia. **O indivíduo, o espaço público e as redes sociais digitais: diálogos e problematizações**. Santa Maria. 2010. Disponível em: [https://wiki.ifsc.edu.br/mediawiki/images/5/59/TCC\\_nadia\\_rp.pdf](https://wiki.ifsc.edu.br/mediawiki/images/5/59/TCC_nadia_rp.pdf) Acesso em: 31 de out. 2014.

\_\_\_\_\_. **Jornalismo e interação: ferramentas da prática jornalística na internet aplicadas ao contexto organizacional**. Santa Maria, 2013.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo, SP: Atlas, 2008.

GOHN, Maria da Glória. **Empoderamento e participação da comunidade em políticas sociais. Saúde e Sociedade**, São Paulo, 2005.

JAKOBSON, Roman. **Linguística e Comunicação**. São Paulo: Cultrix, 1974.

JÚNIOR , Celso Ferrarezi. – 1998 - **Funções da linguagem. Uma reavaliação das idéias de Roman Jakobson** - Revista de educação, cultura e meio ambiente, 1998.

MANZINI, Eduardo José. **Entrevista Semi-estruturada: análise de objetivos e de roteiros**. In: Seminário Internacional sobre pesquisa e estudos qualitativos. Anais. Bauru: USC, 2004

McCLOUD, Scott. **Desvendando os quadrinhos**. Tradução Helcio de Carvalho, Marisa do Nascimento Paro. São Paulo: Makron Books do Brasil, 1995

\_\_\_\_\_. **Reinventando os quadrinhos**. São Paulo: Makron Books do Brasil, 2006.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

MOYA, Álvaro. **História da história em quadrinhos**. São Paulo: Editora brasiliense. 1993.

PINTO, Milton José. **Entrevista: Por uma semiologia dos discursos sociais**. *ECO-Pós*, 2009.

PRIMO, Alex. **Quão interativo é o hipertexto?** : Da interface potencial à escrita coletiva. Fronteiras: Estudos Midiáticos, São Leopoldo, 2003.

RECUERO, Raquel. **A rede é a mensagem: Efeitos da Difusão de Informações nos Sites de Rede Social**. In: Eduardo Vizer. (Org.). *Lo que McLuhan no prévio* Buenos Aires: Editorial La Crujía, 2012.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

RAMOS, Paulo. **Tiras cômicas e piadas: duas leituras, um efeito de humor**. 2007. Tese (Doutorado em Letras. Área de concentração: Filologia e Língua Portuguesa). Faculdade de Filosofia e Língua Portuguesa, Universidade de São Paulo, São Paulo.

ROMANOVSKY, Ludmila Menezes. **Roman Jakobson: abordagem semiótica da fotografia como imagem narrativa da imigração judaica nas décadas de 30 e 40**. V encontro de história da arte – ifch / UNICAMP 2009

SANTOS, Edméa O.; OKADA, Alexandra Lilavati Pereira. **A construção de ambientes virtuais de aprendizagem: por autorias plurais e gratuitas no ciberespaço**. Actas da 26ª Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, Poços de Caldas. ANPEd, 2003.

UGARTE, David de. **O poder das redes**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

<http://www.esquerda.net/dossier/cronologia-dos-vinte-dias-que-abalaram-o-brasil/28450> Acesso em 29/05/2014;

<http://www.revistaforum.com.br/blog/2013/09/uma-cronologia-das-manifestacoes/> Acesso em 29/05/2014;

<http://saopaulo.mpl.org.br/> Acesso em 10/06/2014;

<http://oglobo.globo.com/cultura/megazine/contestador-armandinho-ganha-fama-no-facebook-8027174> Acesso em 17/06/2014;

[http://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/viver/2013/06/05/internas\\_viver,442924/confira-uma-entrevista-com-alexandre-beck-autor-de-armandinho.shtml](http://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/viver/2013/06/05/internas_viver,442924/confira-uma-entrevista-com-alexandre-beck-autor-de-armandinho.shtml) Acesso em 17/06/2014;

<http://tecnologia.terra.com.br/internet/ativismo-na-internet-acelerou-queda-de-ditador-na-tunisia,0f28a740fe1ea310VgnCLD200000bbcceb0aRCRD.html> Acesso em 02/11/2014.

## APÊNDICE A: QUESTIONÁRIO APLICADO AOS CARTUNITAS

### **O contexto da ‘Arte Sequencial’:**

- 1) Além do caráter de “arte sequencial”, quais poderiam ser as definições de cartuns, de tiras e de história em quadrinhos?
  
- 2) Sem a necessidade de datas exatas ou concretas, como poderíamos descrever o contexto das tiras na sociedade (brasileira ou fora dela)? Exemplos emblemáticos podem ser destacados.
  
- 3) Hoje, em sua opinião, como acontecem as relações entre as tiras e o leitor? Pensando na sua presença em jornais impressos, blogs ou redes sociais.
  
- 4) A nível nacional e também regional, como você percebe a cena de contribuições nesta área?

### **Papel político-social:**

- 1) No seu ponto de vista, quais as funções que a arte sequencial assume como dispositivo em situações políticas/sociais e quais são os usos atribuídos pelos leitores nestes momentos.
  
- 2) Para você, quais autores e personagens merecem ser destacados como contribuintes nos debates sociais e políticos?

Caso alguma contribuição sua não foi contemplada pelos questionamentos, este é o espaço para acrescentá-la. Aceita-se sugestões de literatura teórica sobre a temática: